

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



A EROTIZAÇÃO FEMININA NO CARNAVAL DO RIO DE
JANEIRO COMO EXERCÍCIO DE *SOFT POWER*: UM ESTUDO
DE CASO DA PERSONAGEM “GLOBELEZA” DA REDE GLOBO

Pâmela Bastos

Dissertação de Mestrado orientada pela Prof.^a Doutora Ana Cristina
Mendes, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre
em Turismo e Comunicação

2021

Resumo

A colonização no Brasil foi baseada em uma sociedade aristocrata, escravocrata e patriarcal desde a sua origem e, a partir destes preceitos, a história do país foi construída através de concepções compartilhadas pela comunidade colonial brasileira. Apropriando-se dos mesmos, a dissertação tem como objetivo analisar a personagem Globeleza – criada pela Rede Globo – cuja referência escravocrata está presente na imagem da personagem e, apesar de seu passado histórico, se consagrou como símbolo nacional. Com base em estereótipos herdados da colonização europeia no país, a figura da mulata foi moldada para protagonizar as icônicas vinhetas da emissora para o início do tão esperado carnaval no país. A sua representação enfatiza o seu corpo nu, dançando de forma sensual ao som de *jingle* composto especialmente para a festividade, coberto por pinturas coloridas e purpurina por mais de vinte anos na televisão brasileira. A investigação aponta para a possível contribuição na construção de identidade da nação a partir do agente comunicador, pois sabemos que a comunicação tem o papel em ampliar e influenciar narrativas, sendo estas personificadas através das “Mulatas Globelezas” no carnaval brasileiro desde a década de 90 do século XX. Como poderemos verificar, a Rede Globo não foi a pioneira na apropriação do corpo da mulher para promoção e divulgação em campanhas publicitárias voltadas ao turismo e, portanto, a representatividade do país já era reconhecida por suas belas mulheres e a exploração e “objetificação” de seu próprio corpo. Levando em consideração alguns conceitos/temas como representação, estereótipo, *soft power*, identidade nacional e *The Tourist Gaze*, que permeiam esta dissertação lançamos um olhar para o impacto e o significado que a imagem da mulata representa ao Brasil e, deste modo, como a figura da mulher negra segue profundamente afetada e estigmatizada e – com posições de submissão e de apelação sexual – a sociedade escravocrata. É objetivo deste trabalho analisar as imagens das mulatas intituladas como Globelezas e mostrar que elas continuam presentes no imaginário dos indivíduos com semelhantes concepções passadas: a limitação de lugar na sociedade e a exploração da imagem corporal mulher negra.

Palavras-Chave: Carnaval; Globeleza; Identidade; Representação, *Soft Power*

Abstract

The colonization in Brazil was based on an aristocratic, enslaver and patriarchal society since its origin and, based on these values, the country's history was built through concepts shared by the Brazilian colonial community. This dissertation aims to analyze the character *Globeleza* – created by Rede Globo – whose slave reference is present in the character's image and, despite all its historical past, it has consecrated itself as a national symbol. Based on stereotypes inherited from European colonization in the country, the “mulata” figure was shaped to star in the station's iconic vignettes to start of the long-awaited carnival in the country. Her performance emphasizes her naked body, dancing sensually way through a jingle composed especially for the festivity, covered by colorful paintings and glitter for more than twenty years on Brazilian television. The investigation points to the possible contribution to the construction of the nation's identity based on the communicating agent, as we know that communication has the role of expanding and influencing narratives, which are personified by the “Mulatas *Globelezas*” in carnival since the 90s. The Rede Globo was not the pioneer in appropriating women's body for promotion and dissemination in advertising campaigns aimed at tourism and, therefore, the country's representativeness was already known for its beautiful women and the exploration and “objectification” of its own body. Taking into account concepts/theme such as representation, Stereotype, soft power, national identity and The Tourist Gaze, which permeate this dissertation, we take a look at the impact and meaning that the mulata image represents to Brazil and how the figure of black women remains deeply affected and also stigmatized – with positions of submission and sex appeal – by the still enslaver society. This work aims to analyze the images of mulata women called *Globelezas* and show that they are still present in the imagination of individuals with similar past concepts: the limitation of place in society and corporal exploitation of black women.

Keywords: Carnival; *Globeleza*; Identity; Representation, Soft Power

Índice

Introdução.....	5
Capítulo 1 – Instrumentos teórico-metodológicos.....	13
1.1 A interpretação de imagens a partir de representações construídas na sociedade	20
1.2 A erotização do carnaval como reflexo de <i>Soft Power</i>	28
1.3 A TV Globo: O abre-alas do entretenimento para o mundo.....	36
Capítulo 2 – Cores e Sabores: A importância da mão de obra escrava na formação do Brasil colonial	43
2.1 O papel do escravo negro para a família e a sociedade brasileira	48
2.2 A miscigenação como representação unificada de uma nação	53
Capítulo 3 - A mulatice como símbolo nacional	56
3.1 As mulatas Globelezas	59
3.2 Perspectivas da nova Globeleza e seus reflexos na sociedade.....	66
Considerações Finais.....	70
Referências Bibliográficas.....	73

Introdução

O trecho da música “A Carne” interpretada por Elza Soares e composta por Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti traduz com veracidade a situação do negro na sociedade brasileira desde os primórdios coloniais até os dias atuais. Com a seguinte frase “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, a música alude ao papel do negro em tempos da escravidão no Brasil colonial até ao seu engajamento atual. Sendo assim, a canção faz uma dura crítica a estrutura social brasileira por ainda limitar os negros dentro de determinada posição; além de explorar o racismo, uma questão que está conectada diretamente ao lugar do negro dentro da comunidade brasileira, restringindo o que pode ou não ser feito ou aceito para eles. A esta canção que, além da alusão a inferioridade da raça negra perante a “branca”, também evidencia concepções da comunidade colonial que ainda estão enraizadas na atual estrutura do país e, consequentemente, apresentam efeitos na forma que o Brasil é representando. Os valores consolidados no passado contribuem para a forma que o país é visto – ao olhar do turista – e como ele é explorado turisticamente, o que nos leva a questionamentos relevantes relacionados a história e a comunicação do país.

Para compreensão sobre a história do Brasil começo por leituras acerca da narrativa que permitiriam contextualizá-los – mediante aos meus esforços reflexivos – a conteúdos abordados durante o mestrado em Turismo e Comunicação. A escolha do título da pesquisa se refere ao objeto central da dissertação: A mulata Globeleza. Ela possui o enquadramento ideal para a questão da investigação, pois é uma personagem caracterizada por uma mulher negra nua, que surgiu na década de 1990. A sua imagem é a porta voz do carnaval; figura emblemática por sua nudez, melodia e samba que invadem todos os anos as casas dos brasileiros. Ao longo dos anos, firmou cada vez mais seu espaço e visibilidade na televisão brasileira como a cobiçada mulata “samba no pé” e; portanto, tornou-se o principal símbolo carnavalesco no país. A sua aparição acontece anualmente no período que antecede à festividade e sua exibição é marcada pelo forte apelo ao seu corpo nu, pintado com cores vibrantes e nas mais diversas formas, ela é exibida por meio de vinhetas na principal rede de televisão do Brasil: a Rede Globo.

O ensaísta Gilberto Freyre foi um dos autores responsáveis por explicar minuciosamente como a estrutura brasileira funcionava e seu livro – *Casa-Grande & Senzala* – apresentou informações relevantes sobre miscigenação de povos no Brasil – composto por portugueses, negros e índios – para a formação sociocultural brasileira e evidenciado; principalmente, o papel do negro na vida sexual para com o patriarcado. Neste contexto o conceito de mulata surge para determinar o Brasil mestiço de hoje, cujo título que se confere ao objeto da investigação: A mulata Globeleza. O termo, de cunho racista, é designado aos negros de pele mais clara frutos das violências sexuais sofridas pelas escravas para com seus senhores feudais. Desde o período colonial as mulheres negras eram objetos de desejo dos feitores, a exotização de seus corpos eram pontos que captavam bastante atenção e a cobiça, dos homens “brancos”, para “explorá-lo”.

Para Djamila Ribeiro, escritora e feminista negra, que dedicou um capítulo de seu livro – *Quem tem medo do feminismo negro?* – a Globeleza fez inúmeros questionamentos sobre a personagem. A começar pela origem do termo mulata; logo em seguida, a estratégia de seleção das Globelezas pelo padrão semelhante de estética utilizada no período colonial – a escolha de escravas próximas aos senhores era mediante boa aparência e corpo curvilíneo – e, por último, ao estereótipo da mulher negra confinado a papéis sensuais igualmente aos preceitos da época colonial. A delimitação das mulheres negras em posições específicas, neste caso de teor erotizado como o da figura carnavalesca, as reduz e as transformam em objetos, ou seja, a “objetificação de seu corpo. A personagem é fruto de um produto da mídia que se fundamentou em concepções coloniais – a escravidão perante o patriarcalismo – que seguem enraizadas na comunidade brasileira; são “elementos” que persistem na vida brasileira contemporânea.

O retrocesso na aplicação de palavras tão familiares a nós como, por exemplo, patriarcalismo e escravidão não somente flertaram no passado com a sociedade brasileira; como ainda integram a realidade da “carne mais barata do mercado”, isto é, da carne negra. Práticas estas que foram adotadas, inicialmente no descobrimento e, logo, continuadas durante todo o seu processo de colonização em solos tropicais. Entretanto, como o autor de *Raízes do Brasil* – Sérgio Buarque de Holanda – intitulou em seu livro e nos conta no decorrer da narrativa, que estas práticas adotadas acabaram por deixar resquícios de uma sociedade escravocrata e dominada pelo patriarcado, em um país recém descoberto, expressivas marcas – ou podemos afirmar concepções – que permanecem até

hoje estigmatizados a raça negra. O autor descreve com uma fina sensibilidade algumas das mazelas da nossa vida social, política e, tão detalhadamente, as relações afetivas da negritude com a aristocracia colonial – vestígios passados que irão permear a investigação e resultar no objeto da pesquisa.

A formação do Brasil foi o resultado de longo processo de colonização baseado em condições aristocráticas, patriarcais e escravocratas cujo detentores de poder eram os europeus – a parte “branca” da história – que estabeleceram padrões eurocêntricos em seu recém-descoberto território. A mão de obra escrava foi fundamental para o desenvolvimento da América tropical, inicialmente utilizando o trabalho escravo indígena e, logo em seguida, a mão de obra negra. Não podemos esquecer de mencionar os “chamegos”, os desejos e os abusos sexuais dos senhores de engenho para com as suas escravas mais belas, pois o tratamento da vida sexual do patriarcado tem devida importância na composição do nosso modo de ser mais íntimo.

Neste contexto, Gilberto Freyre se dedicou sensivelmente em sua narrativa – *Casa Grande & Senzala* – a consolidação de um Brasil mestiço; fruto das perversões sexuais que aconteceram no meio das diferenças de ordens entre os poderes, ou seja, a inferioridade da negritude perante os homens brancos – contexto recorrente aos dias atuais e da adoção do sistema escravocrata – é o resultado da estrutura social de hoje. Contudo não é possível estabelecer uma sociedade aristocrática sem adotar a violência sexual como característica essencial do patriarcalismo. O “encontro das três raças” – a branca, a negra e a indígena – é o resultado do Brasil mestiço de hoje, cada qual contribuiu para a originalidade e peculiaridade da nossa nação. Entretanto os valores constituídos no passado seguem atualizados e praticados na sociedade brasileira e, portanto, o sentimento de que somos todos parte de uma nação não funciona igual a todos. O sistema não concede os direitos igualmente e o seu parâmetro para mensurá-lo e concedê-lo é avaliado pelo seu tom de pele e, conseqüentemente, a herança negra ainda segue vigente na sociedade.

Como Caio Prado Jr. definiu em sua obra – *Formação do Brasil Contemporâneo* – os fundamentos de nacionalidade foram construídos; foi desenvolvido um organismo social “completo e distinto” que abrange todas as esferas responsáveis por solidificar uma nação. A história do Brasil sendo contada por diversos ensaístas, porém todos os pontos de vista são encontrados em uma mesma posição: a consolidação do Brasil Contemporâneo. Para o entendimento deste, que apesar da sua herança colonial se

fundamentou em “elementos” pejorativos e racistas, para criação do símbolo de maior representação do país; a Globeleza, em um evento de grande visibilidade mundial – o Carnaval – é preciso ir tão longe; coletar informações relevantes de seu passado para interpretar e entender o meio que a acerca; além também das motivações para a sua concepção: uma mulher nua como representação e símbolo de uma festividade.

Em minhas constantes buscas por uma figura pública que permitisse abordar problemáticas ligadas às áreas do Turismo e a Comunicação, a personagem Globeleza é o exemplo mais adequado – a nível de representação nacional – que tanto simboliza o estereótipo da mulher brasileira vigente no imaginário masculino, como também integra a composição social do país. A escolha do objeto da investigação não foi ao acaso, pois o agente comunicador responsável por sua construção não só contribuiu para a propagação do estereótipo – pelo meio de sua personagem – como também apoiou os “anos de chumbo¹”, época em que a mulher brasileira esteve no conteúdo promocional do país para promoção e divulgação do Brasil no exterior. O seu intuito era dispersar os rumores de censura e conturbação política instalada pela ditadura militar e, para tal, foram utilizadas imagens de mulheres com teor sensual para atração de turistas e para desmistificação do período turbulento instalado no país.

É neste cenário que o objeto de estudo do presente trabalho será observado, através do retrato do passado escravocrata, protagonizado nos dias de hoje por elementos remetendo a escravidão. Portanto, a escolha para sua caracterização e representação não poderia ser outra: uma figura feminina, na cor da mestiçagem brasileira – a “Mulata Globeleza”. Intitulada como símbolo nacional, possui seu espaço garantido em todo carnaval, variando apenas na pessoa física em que dará vida a ela, na televisão brasileira para anunciar a chegada do carnaval. A personagem carregada de estereótipos, com seu padrão de estética e beleza mais aproximado ao europeu – alta, magra e lábios finos – que detém o poder de entretenimento do telespectador brasileiro.

A personagem carnavalesca criada pela emissora de televisão Globo é icônica e está anualmente nas vinhetas das programações durante o mês da festividade – no mês de Fevereiro. Entretanto existem resquícios de uma sociedade escravocrata que colaboram para a sua construção e formação da identidade nacional. A seleção e a exposição de uma

¹ No Brasil, o termo foi aplicado para se referir ao período da ditadura militar no país e, portanto, a expressão “anos de chumbo” evidenciou tempos sombrios que a nação resistiu contra os militares.

mulher negra nua, apenas com pinturas coloridas e purpurina em seu corpo, para representar o carnaval é depreciar o seu passado e persistir na antiga estrutura social brasileira. Para ser uma “Mulata Globeleza” a exigência é elevada, é necessário um corpo escultural e, imprescindível, ter o “samba no pé” para protagonizar a espetacularização da personagem. A sua nudez será transmitida e por consequência será alvo da “objetificação” de seu corpo igualmente ao passado.

Em função de sua história e importância, a “Mulata Globeleza” entrará ao imaginário do público como fetiche sexual e, igualmente, como formadora da imagem da nação brasileira; portanto, o conteúdo visual será capaz de influenciar a identidade nacional. Essas indagações fazem sentido a partir de conceitos explorados por Stuart Hall em seu livro, *Cultura e Representação*; as imagens são responsáveis por transmitir sentido a práticas que estão presentes ao redor das pessoas, embutindo valores e construindo identidades presentes na sociedade. A análise da imagem da mulata contém valores histórico-culturais que fornecem um modelo geral do funcionamento da cultura brasileira e, a partir dela, conseguimos compreender o conceito da imagem, ou seja, o seu significado. Neste contexto a representação do carnaval tem como símbolo uma mulher negra, explorada de forma erotizada, permitindo o exercício de estereotipagem; nela consiste na redução e simplificação de suas características – que por norma são consideradas “anormais” perante o padrão de estética – e generalizadas, isto é, o conhecimento do mundo sobre a estética brasileira é a mesma referência da Globeleza.

O complexo que engloba a cultura popular de uma nação – seja ela composta pela literatura, a música, a história, uma imagem – disponibilizam uma série de símbolos e signos que representam experiências que permitem sentido ao indivíduo como igualmente a um país. A cultura de uma nação, neste caso específico, representada por uma imagem/personagem repleta de significados é uma forma de construção de conceitos e concepções que dizem a respeito a nós mesmos. Essas traduções de conceitos e ideias somente são interpretadas de maneira similar pois através dos sistemas globais de comunicação, neste caso da Rede Globo, permitem que a mesma linguagem seja compartilhada e interpretada da mesma maneira. A sua Mulata Globeleza é o retrato da sociedade escravocrata/objeto de desejo sexual que está disfarçado e feito de maneira divertida para agradar o seu público.

O sistema de comunicação Globo possui um papel de grande relevância no compartilhamento de mensagens a respeito da cultura do país; elas afetam diretamente ao imaginário das pessoas, seja influenciando de forma indireta o comportamento e estilo de vida, como também retratando os traços típicos de uma nacionalidade por meio de sua programação. Os seus valores, elementos culturais e *lifestyle* são compartilhados em suas novelas e programações e, portanto, capazes de influenciar e cativar o público. Entretanto, a mesma maneira, que as suas ideias; conceitos e comportamentos são difundidos por meio da sua linguagem – baseado em sua programação – são responsáveis por atrair e persuadir os telespectadores para a forma que a empresa comunicadora deseja, sem utilizar o poder da força ou de sanções econômicas. O conceito de *Soft Power*, acima descrito, foi criado por Joseph Nye e somente possível de existir a partir de um veículo – com poder de alcance mundial – responsável pela transmissão de conceitos e representações da cultura brasileira por meio de sua comunicação institucional mundo afora.

Ao contextualizar o poder da comunicação institucional da Rede Globo com o turismo, ao que engloba a percepção do turista no Brasil, a figura de uma mulher nua sambando possui grande relevância quando a promovemos como símbolo de uma nação. Neste caso especificamente, ele terá noções culturais através de imagens representacionais desenvolvidas pela própria emissora Globo; a busca por uma experiência autêntica está condicionada pelo olhar do turista – *the gaze* – que o autor John Urry aborda em seu livro, *The Tourist Gaze*; este olhar é construído por meio de signos e o turismo envolve a coleta de todos eles. As referências destas percepções são extraídas das mais variadas fontes: de materiais promocionais da Embratur, da imagem destino do território brasileiro, representações do Brasil, programações da Rede Globo; impactando profundamente o olhar do turista sobre o país. Sabendo que o Brasil é um dos principais países conhecidos pela segmentação do turismo sexual, a representação de uma mulata nua com símbolo do carnaval apenas estimula a identidade estigmatizada do país; além de impactar a maneira que o mesmo será “consumido”.

A história é uma construção ideológica que percorre por relações de poderes, práticas e experiências passadas. Desde o período colonial a apropriação do corpo das mulheres negras era com base na mercantilização e escravidão para finalidades eróticas e sexuais ou para trabalho servil dentro da casa-grande, sendo como cozinheira, ama-de-leite ou para criação dos filhos dos senhores de engenho. A relação de poder e superioridade perante as outras etnias estavam associadas a figura do senhor feudal, em

sua propriedade – a casa-grande – como símbolo de soberania máxima e a senzala na parte mais fraca. A demonstração de poder não se restringia apenas dentro de suas terras para com a mão de obra escrava, mas também no ímpeto sexual em possuir algo/alguém por intermédio da força e do medo.

Quando confrontamos a imagem das mulheres negras de antigamente com as de hoje percebemos que muito pouco se avançou. A sua representatividade constantemente é rotulada e limitada para uma posição subalterna e marginalizada e, na maioria das vezes, organizada para desempenhar tarefas que foram preteridas ou até mesmo não serem funções destinadas as pessoas brancas. Através de práticas originadas desde a época do Brasil colônia, a representação das mulheres negras é irrelevante comparada ao de mulheres brancas. O corpo negro é marginalizado e mantém os estereótipos do passado presos em uma personagem – na composição nua – criada para entretenimento do telespectador durante o carnaval por mais de vinte anos.

A relevância da pesquisa é utilizar conceitos ligados às áreas do Turismo é Comunicação para permitir o entendimento da apropriação do corpo de uma mulher negra – por parte do agente de comunicação Globo – para promover um dos principais eventos de visibilidade internacional no país, o carnaval. No passado, o Brasil viveu um período turbulento e de opressão política na ditadura militar, onde o surgimento de um órgão responsável pela divulgação e promoção do país – EMBRATUR – utilizou em seu material publicitário a “objetificação” do corpo da mulher para divulgá-lo no exterior e, muitos anos a frente, o veículo de comunicação continuou com a mesma estratégia para a criação da identidade nacional: a Mulata Globeleza. É incontestável a importância da imagem na definição de um destino turístico e, no caso do Brasil, ter uma personagem erotizada como símbolo do Carnaval é o fortalecimento da segmentação turística que o país sempre sofreu: praias, mulheres e futebol.

A construção da imagem do país foi feita através do corpo da mulher brasileira; um corpo sensual, exótico — comparado aos padrões eurocêtricos— e curvilíneo. A abordagem iniciada na década de 1970 para promoção do país — feita com a autorização dos militares — foi produzida com o intuito em atrair e massificar a imagem do Brasil e, por fim, consolidá-la como cartão postal nacional. Após anos do início do conteúdo promocional é possível constatar as consequências de tal atitude; resultante de uma má estratégia de marketing internacional o Brasil se tornou um dos principais destinos turísticos sexuais. Algo que para os parâmetros de divulgação de um país no exterior é

complemente inadequado, além de contribuir, mais uma vez, para a exploração do corpo da mulher em campanhas publicitárias.

Ao mesmo tempo que os “olhares visuais dominantes” dos turistas estarão condicionados de acordo com o conteúdo publicitado por cada entidade governamental. A importância do estudo vai de encontro com a relevância da imagem do destino turístico e, como ele, trabalha para a forma que será “consumido” por seus visitantes e turistas. A construção da personagem Globeleza foi idealizada por uma emissora de grande alcance no país somente ratifica o “produto turístico” nacional iniciado na década de 1970. O valor da investigação está na contribuição atribuída a “objetificação” do corpo da mulher para promoção e divulgação e, como consequência, o país ser conhecido mundialmente como destino de praias, futebol e, obviamente, de belas e curvilíneas mulheres.

Nas perspectivas que permeiam a investigação, não pretendo julgar os conteúdos divulgados por uma comunicadora brasileira, a emissora Rede Globo, porém compreender a possível construção de identidade e relevância da mulher brasileira a partir de uma personagem tão emblemática no país. A importância do agente de comunicação, em si, tem um papel considerável na idealização e amplificação de informações e imagens projetadas ao longo alcance do seu público – devido ao seu sinal de transmissão ser um dos maiores do Brasil – e, por consequência, as suas narrativas, neste caso de representações negras, terem grande abrangência. A personagem sempre teve sua imagem relacionada com passado – mesmo que subjetivamente – e, portanto, persiste estigmatizada, com representações de submissão, servidão e “objetificação” do corpo negro. A partir do estudo de caso da personagem, supostamente, é possível verificar que as configurações da imagem da mulher negra ainda constituem as mesmas de antigamente.

A proposta é lançar um olhar para a história e as ações do veículo de comunicação Globo e assimilar, através da sua comunicação institucional, como ela é capaz de influenciar as pessoas por meio de sua programação e, ao final, contribuir para a construção de identidade de uma nação. A concepção da sua personagem Globeleza surgiu por parâmetros que foram definidos na colonização e sociedade patriarcalista do Brasil, as apropriações de valores possibilitaram projetá-los para a imagem de uma mulher – mulata – e torná-la um símbolo nacional. Ao adotá-la seria responsável por atingir milhares de outras mulheres com o idêntico significado, ou seja, a protagonização do carnaval ser uma mulher, mulata, nua e promovida de forma erotizada é o mesmo que a conservar na condição escravocrata.

Capítulo 1 – Instrumentos teórico-metodológicos

À primeira vista o objeto de investigação é protagonizado por uma personagem mulata responsável pelo entretenimento do telespectador da televisão brasileira e, para além disto, importante símbolo nacional cuja representatividade é bastante conhecida por dar início a festividade mais conhecida do Brasil: o Carnaval. Com abundante exuberância e sensualidade, a personagem rouba a cena, por trinta segundos, durante as vinhetas entre as programações da Rede Globo. As ilustrações coloridas pintadas a mão pelo departamento de arte da emissora em seu corpo nu, e incluindo muita purpurina e brilho para mostrar o grande espetáculo carnavalesco – a mulher e a festividade – ao mundo. Contudo para a Globeleza ter sido consagrada como um símbolo do país, outras questões estão relacionadas na sua representação e na construção da identidade e, portanto, é necessário analisar o seu passado, especialmente ao genótipo da população brasileira, para compreender as características e as razões da seleção da imagem da mulata como representação do carnaval.

Mas o que é a representação? Como a cultura pode vir a se relacionar com esta? E a partir da junção dos dois conceitos acima, como a personagem Globeleza pode ser considerada símbolo nacional baseado somente em sua representatividade em vinhetas diárias durante o carnaval? Stuart Hall (2016) afirma que a cultura é significada a partir de dados compartilhados e que, por intermédio, da linguagem é que conseguimos dar sentido as coisas, logo, como a comunicação acontece, por exemplo, entre somente indivíduos ou entre a mídia e pessoas, o significado é produzido e trocado entre eles. A linguagem é o elemento central para que os sentidos e a cultura sejam relacionados e, portanto, valores e significados culturais sejam criados. O conjunto da cultura nacional é o que podemos dizer, uma forma de composição de significados que estruturam nossas ações e concepções sobre nós mesmos.

As imagens, os vídeos, os programas de televisão, as músicas entre outros são elementos que possuem a capacidade de transmitir significados a seu público e, portanto, a personagem Globeleza é o fruto dos significados compartilhados entre a mídia – neste caso a Globo – e seus telespectadores. O regime de representação que será analisado na presente dissertação é o conjunto de práticas que envolvem a estereotipagem, principal elemento que compõe a “Mulata Globeleza”, o seu exercício, a qual se refere Hall (2016), é fundamentado no poder de representar alguém ou alguma coisa de maneira depreciativa,

trazendo o seu traço “anormal” a ser exagerado, ou seja, a apropriação do corpo negro dentro da esfera sensual e de violência sexual em que se encontra aprisionada desde a sociedade aristocrata, escravocrata e patriarcal do Brasil colonial.

A indústria do turismo que fomenta diversos setores da economia sofre profundo impacto com a construção da imagem do respectivo país e, portanto, o olhar do turista é condicionado por conteúdos que tenham a divulgação e promoção do local – imagens e textos publicitários – filmes, músicas, programas de televisão, literatura e tantos outros que são capazes de transformar o olhar dele. Segundo Urry (2011), o olhar do viajante é feito por meio da elaboração de signos, e o turismo envolve a seleção dos mesmos: seja para reforçar os “olhares visuais dominantes” ou as representações estereotipadas. A investigação irá observar como a utilização da representatividade da mulata como símbolo do carnaval é relevante ao ponto de invadir o imaginário dos indivíduos e ser responsável pela criação de uma identidade nacional. A contribuição do estudo revela também o cuidado – pelos órgãos responsáveis – na seleção das imagens promocionais, em vista que o país é conhecido por ser um dos principais destinos de turismo sexual no mundo.

O poder simbólico que a personagem Globeleza possui está tanto exibido nela como além dela e a indústria da mídia – neste caso a Rede Globo – contribui para a sua exploração anualmente; com traços racistas e escravocratas sendo executados de maneira sutil durante suas programações. O agente de comunicação detém o poder e o papel de desenvolvimento e ampliação de narrativas e concepções para ao final expandir aos seus receptores – sabendo que ele é um dos maiores comunicadores do Brasil e do mundo – seu impacto será grandioso. À vista disso, a compreensão de sua comunicação institucional, requiere a interpretação do leitor/telespectador sobre as transmissões simbólicas das mensagens midiáticas recebidas, pois o produto da mídia está relacionado com o esclarecimento dos indivíduos a partir de si e dos outros, em outras palavras, utilizam a transmissão simbólica de uma instituição para realizarem uma reflexão de si, dos outros e do mundo ao qual pertencem.

A entidade comunicadora Rede Globo será a responsável por adotar a estratégia da sedução/atração através do compartilhamento de valores e ideias que estão vigentes durante as suas programações. Sem a aplicação de força ou de qualquer sanção econômica, ela é capaz de influenciar seu público, seja com o *lifestyle* bastante explorado por suas novelas ora com uma personagem idealizada para simbolizar o carnaval. A dominação do conceito de *Soft Power* desenvolvido, inicialmente em 1990, por Joseph

Nye (2004) irá fortalecer a veracidade do objeto de investigação da presente dissertação. A sua essência e aplicabilidade é sobre o poder, já que a concepção deste permite influenciar, de forma indireta e sutil, o comportamento das pessoas com o que se deseja.

A instituição Rede Globo, referida como veículo em exercício de *Soft Power*, irá utilizar de sua comunicação institucional – como expoente de ideologia, interesse e comportamento – para influenciar seu público através de suas programações e personagens criadas. Para o carnaval, a protagonista é mulata, um “tipo de mulher” onde as misturas de cores carregam e reforçam o estereótipo da mulher brasileira, cor essa que traz um conjunto de experiências e preconceitos passados – infelizmente não tão ultrapassados – da estrutura social brasileira que perduram até os dias de hoje. Com uma função ímpar na propagação da imagem da mulher negra sensualizada, a Rede Globo contribuiu para o imaginário de seu público, para a manutenção de estigmas passados na figura de uma personagem e imagens marginalizadas oriundas das “objetificações” e depravações sexuais com o corpo negro exigidas por seus senhores de engenho quando o momento era favorável a eles.

O passado de uma nação representa um conjunto de práticas e valores adotados que estão fundamentados com o destino do país e, no mais, é importante avaliar os contextos e conjunturas de seu surgimento para o entendimento do presente. Em especial ao Brasil, no sentindo mais amplo em que tange a herança histórica, demarcada por um extenso território brasileiro oriundo da colonização de uma nação ibérica – Portugal – é rico em consequências, condições climáticas e em terras extremamente adversas as portuguesas, trouxeram novas formas de convívio, instituições, ideias e religião ao Brasil. Pensamentos, a título de exemplo, a classificação das mulheres por forte influencia da igreja católica, onde as mulheres brancas detinham o papel para casar e construir família – afirmando a cultura europeia e o catolicismo – enquanto as indígenas e as negras apenas para diversão e para o paraíso sexual. Não somente a apropriação de corpos, similarmente a imposição de novos valores e culturas e negando qualquer outra concepção cultural, sendo assim, destruindo e criminalizando qualquer parâmetro que não fosse eurocentrismo.

Ao começar a vida portuguesa em solos tropicais, foi constatado uma facilidade e sucesso na adaptação à vida tropical. A essa vantagem podemos apoiá-la a teoria do luso tropicalismo – fundamentada pelo livro *Casa-Grande & Senzala* –, a mesma aponta razões pelo ajustamento, com tanto êxito, do povo português ao mundo tropical, segundo o autor Gilberto Freyre (2003, p. 186), “a singular predisposição do português para a

colonização híbrida e escravocrata dos trópicos”, indicada por seu passado étnico; “ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. As três características que favoreceram a fácil adaptação aos trópicos foram: a mobilidade, miscibilidade e aclimatabilidade. A construção do povo português constituído por nenhum exclusivismo étnico, uma antropologia mista desde tempos antigos; a miscigenação composta por relações afetivas com povos invasores ou vizinhos da península ibérica; a semelhança e facilidade maior de adaptação a climas quentes, pois Portugal está mais próximo ao clima africano do que o europeu.

Continuando com Freyre (2003) que define com muita franqueza o tratamento da vida sexual do patriarcalismo e a relevância do escravo, tanto na formação da sociedade dentro da senzala como também na casa-grande. O autor faz uma introdução à história do Brasil patriarcal, menciona que a América tropical se formou com uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica com mão de obra, primeiramente, indígena – e mais tarde negra – na composição. Os pares aludidos por ele; latifúndio e a escravidão, casa-grande e senzala foram as bases da ordem escravocrata em sua estrutura social, com a predominância da mão de obra escrava negra como único fruto possível para o sistema de produção colonial. O pensamento de Freyre contribuiu para a criação da imagem hegemônica do país: onde as três raças – branca, negra e a indígena – se encontram para a originalidade de formação de um país miscigenado, seja na cor e/ou na cultura.

Parte dos estereótipos pré-estabelecidos desde o Brasil colonial, a figura da “mulata” é representada pela mestiçagem fruto da violência e de abusos sexuais sofridos pelas escravas e seu feitor. A devoração amorosa de homens brancos por suas mulatas, mucamas, moreninhas e crioulas eram resultado da relação social e de expressão de poder, enquanto as mulheres brancas cumpriam o papel de esposa e, já as negras, eram recorrentes do desejo imaginário escravocrata. Com o trecho retirado do livro de Freyre (2003, p.199), “branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”, o autor apenas ratifica o convencionalismo social de superioridade da mulher branca, da inferioridade da preta e da preferência sexual pela mulata. A depravação sexual está associada a escravidão. O desejo impetuoso dos senhores em possuir o maior número possível de suas crias era derivado de seu próprio interesse econômico, de modo que o seu favoritismo por mulatas era confirmado.

Ao longo da cronologia da mulher negra sempre se reconheceu a sua posição limitada, de inferioridade e para fins eróticos – dentro do contexto histórico e cultural –

da sociedade escravocrata brasileira. A partir das releituras de músicas, é possível identificar o trocadilho no emprego dos verbos amar e comer ao se referir as mulatas; a relação de produtos culinários, frutas e doces associados a sexualidade em abundância completam a ambiguidade. A brincadeira entre os dois sinônimos frequentes nos poemas românticos foi substituída e explorada, principalmente, em canções carnavalescas. O fetiche do homem branco em deflorar a mulata está presente no jogo das palavras cantadas de forma ambígua e aliciadora. Segundo Santanna (1993), esta questão é uma grande ambiguidade, principalmente na cultura brasileira, pois ao mesmo tempo que a mulher negra está na posição de rainha dos desejos de seu feitor ela também é escravizada pelo mesmo. Para ele, a metáfora da mulher-flor a que se refere a mulher branca, a esposável, e a da mulher-fruto a que se refere a mulata deve ser “devorada”, deflorada, isto significa, que a escrava não é só um objeto de desejo, bem como o exercício de dominação a uma raça inferior – a opinião dele – por parte de seu feitor.

Entendendo que o objeto de investigação é construído ao longo da pesquisa e, em função disso, todos os elementos do período colonial são responsáveis por contribuir para a organização social brasileira, o uso da metáfora no livro de Sérgio Buarque de Holanda (1995) – *Raízes do Brasil* – contemplam os resquícios históricos que seguem presentes em nossas vidas no cotidiano. O autor reflete que o Brasil ainda vive o saudosismo patriarcalista e, do ponto de vista metodológico, o conhecimento do passado deve estar vinculado aos problemas do presente. O tratamento da vida social da família patriarcal e importância do escravo, na forma mais ampla, isto é, a exploração de mão de obra escrava foram fatores decisivos para o desenvolvimento territorial e para a construção, a nível cultural, do país. E mais, destaca características da nação “no seu jeito mais íntimo de ser” e na estrutura social e política do país e dos brasileiros para sua compreensão.

A formação do Brasil contemporâneo escrito pelo autor Caio Prado Jr. (2013), explica que por meio de mudanças como, a transferência da monarquia portuguesa para o Brasil e as ações preparatórias para emancipação do país contribuíram para o desenvolvimento da nossa sociedade, um processo cheio de idas e vindas e que não está finalizado. O seu passado colonial permitiu a construção de elementos nacionalistas que começaram com o povoamento de um novo território semideserto; onde já existia uma população nativa: os indígenas – em menor escala comparada aos portugueses – e, portanto, aos poucos foram se instalando e impondo seu jeito de ser e costumes. Para logo em seguida o “organismo social completo e distinto” ser moldado, seja por força própria, ou por intervenção de fatores estranhos. Os elementos da vida brasileira estariam

definidos dentro do Brasil contemporâneo – em todos os sentidos – e, conseqüentemente, a estrutura social, política e econômica seria fixada por relações específicas que perduram até os dias de hoje.

A partir do entendimento da estrutura social brasileira, conseguimos perceber que a manutenção do papel de inferioridade e da erotização da mulher negra ainda é constante nos dias atuais. Fundamentado em pensamentos dos autores acima mencionados, porém sem excluir os que ainda irão agregar mais pontos de vista, e igualmente ao contexto histórico cultural do Brasil, as imagens do objeto da investigação serão analisadas para confrontar os argumentos mencionados ao longo da dissertação. Com destaque ao conglomerado Globo, cujo responsável por idealizar o estudo de caso do trabalho de investigação: a “Mulata Globeleza”. Uma personagem estigmatizada, com resquícios ativos de uma sociedade escravocrata visíveis para a protagonização – nua – do samba no carnaval do país e, assim, tornando-se um símbolo nacional. O poder de alcance da indústria de comunicações Globo colabora para a transmissão de uma imagem ultrapassada, onde o corpo da mulata continua aprisionado nos mesmos parâmetros do passado e seguem explorados pela emissora.

Nas perspectivas que conduzem o trabalho de investigação, as imagens coletadas na internet são referentes as cinco Globelezas que atuaram com o título da personagem. Estas imagens representam momentos que as mulheres protagonizaram durante o carnaval na televisão brasileira, sempre iguais: com excesso de pinturas coloridas e purpurinas cobertas ao longo do seu corpo para disfarçar o grande ponto polêmico da “Mulata Globeleza”: a sua nudez. Entretanto, ao final, mais especificamente em 2017 uma redefinição da personagem, onde a mesma encontra-se vestida e rodeada de símbolos referentes ao folclore brasileiro para integrar a vinheta do carnaval. Após anos com a exploração da nudez da mulata, a emissora a redirecionou e apostou para o conceito da diversidade cultural brasileira, onde ela continua no centro e em volta remete aos elementos, tal como: o frevo e o maracatu – integrantes ativos no carnaval brasileiro.

No primeiro capítulo serão abordados principais conceitos que orientam a pesquisa e que contribuirão para a análise do estudo de caso; começando com noções de Hall mostram a importância da representação, da linguagem e do sentido das mensagens para que contemplem o “circuito da cultura” – os três agentes responsáveis para que o compartilhamento da mensagem tenha o mesmo significado. Por intermédio da representação, as perspectivas de Urry sobre o olhar, *the gaze*, dos turistas em busca de experiências únicas, visto que é através do turismo que todos os signos são construídos e

colaboram para o olhar deste sobre algum lugar. E, por último, pelo ângulo de Nye explica a estratégia do Soft Power em exercício de uma entidade comunicadora, a Rede Globo, por meio de sua programação e, em especial ao objeto do estudo de caso, a personagem Globeleza. A indústria comunicadora apoiou, mesmo que indiretamente, a promoção turística do país baseada na “objetificação” do corpo da mulher – a EMBRATUR iniciou durante o período da ditadura militar – e reforçou com a invenção da “Mulata Globeleza” fundamentada em características da sociedade escravocrata brasileira.

No segundo capítulo a história da formação do Brasil começa a ser indicada, podemos perceber a estratégia adotada ao organismo político, social e econômico brasileiro que começa a ser construído. A história contada por três pontos de vista diferentes que se cruzam no decorrer da leitura, sendo estes desenvolvidos por três dos principais autores brasileiros – Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr – que revelam detalhes profundamente relevantes para o surgimento da sociedade brasileira. O uso da mão de obra escrava – inicialmente pela indígena para logo ser adotada a negra – representam o modo de produção que seria instaurado em territórios tropicais. A instauração de uma estrutura social que apresenta resquícios até os dias de hoje, apontam detalhes especialmente curiosos relacionados a vida sexual do patriarcalismo para com os escravos negros, em particular. A importância destes não só para a construção geográfica do país como também para a composição, no modo de ser mais íntimo, da população brasileira. O resultado é um povo miscigenado, gerado por meio de abusos e depravações sexuais oriundos da imposição de poder de seus feitores para com seus escravos.

O terceiro capítulo, onde o objeto em questão da dissertação será analisado, está fundamentado junto a todos os conceitos já abordados em capítulos anteriores. A personagem Globeleza é o resultado das perspectivas mencionadas e do poder da mídia, isto é, a influência como fator essencial para a propagação de símbolos para construção da identidade nacional. O agente comunicador apropria-se da mulata para explorá-la e para torná-la a representação do carnaval. As imagens, em ordem cronológica, das “Mulatas Globelezas” expostas ao longo da pesquisa evidenciam a sua sensualidade – e, claro, a sua nudez. As características escravocratas presentes, em detalhes sutis, na figura da mulata evidenciam traços ainda vivos que resistem na sociedade brasileira. Após críticas, a emissora Globo decidiu ajustar a Globeleza, não somente como único símbolo do carnaval, mas também como um dos elementos responsáveis para celebrar o início da festividade. A diversidade cultural do Brasil será incluída a vinheta e, para além disso, o

uso de roupa na personagem para encerrar o ciclo da erotização da mulher negra como fruto de um produto midiático.

1.1 A interpretação de imagens a partir de representações construídas na sociedade

Com o seguinte questionamento de Stuart Hall (2016, p. 18), “Mas como a imagem constrói significados?” Podemos observar a importância da interpretação das imagens, que constantemente estão ao nosso redor, podem impactar ou criar valores e identidades relacionados com a sociedade em que vivemos. Realidade essa que muitas vezes determina quem está incluído ou excluído; quem ganha ou quem perde, tendo conclusões apuradas a partir de imagens analisada sobre valores que estão contidos nela, seja a olho nu ou de forma subjetiva. A nossa compreensão sobre o nosso redor está relacionada a valores culturais e representações que são compartilhadas através da linguagem em nosso dia a dia, ou seja, a cultura e a representação se completam, pois, a linguagem é a ferramenta responsável pela criação de valores e significados culturais que estão contidas nas imagens observadas.

A linguagem opera como um sistema representacional, entretanto, como ela é capaz de produzir e compartilhar significados culturais, entre as pessoas, para que interpretem o mundo de maneira semelhante? Segundo Hall (2016), a linguagem apropria-se de símbolos e signos que podem ser dos mais variados tipos: sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais, sentimentos e até objetos – que são utilizados por traduzir conceitos e ideias em formato físico. Em suma, a linguagem é uma das maneiras de expressarmos nossas ideias, sentimentos e valores sendo representados dentro de uma cultura. A representação através da linguagem é, entretanto, a base primordial para que os conceitos sejam agregados ao conjunto de valores culturais que pertencem a nossa sociedade e sejam entendidos de forma parecida ao que nos idealizamos (HALL, 2016).

De acordo com Hall (2016), o mecanismo para a operação da linguagem é extremamente importante para que a transmissão dos significados seja feita e compreendida por todos de maneira semelhante:

A linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual “damos sentido” as coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem. Assim, esta se torna fundamental para os sentidos e para a cultura e vem sendo invariavelmente considerada o repositório-chave de valores e significados culturais (2016, p. 17).

O sentido de cultura já foi amplamente discutido e um dos termos mais complexos para se definir, pois, a definição mais comum encontrada é o conjunto de conhecimentos, ideias, crenças, hábitos e conceitos que constituem uma família ou de uma sociedade em que se faz membro. O conjunto destes – muitas vezes – são encontrados em obras clássicas da literatura, música, pintura ou filosofia – o que foi a “alta cultura” de uma época –, como também, uma definição mais contemporânea, o modo de distribuir música, conhecimento, lazer e entretenimento “em massa”, sejam elas por veículos comunicadores como o rádio e a televisão, que podem ser denominados em “cultura de massa” ou “cultura popular” (HALL, 2016).

Contudo seja a “alta cultura” ou a “cultura de massa”, o importante é o sentido que a cultura fornece aos seus participantes. Fundamentalmente a cultura depende do compartilhamento de significados, de como cada um de nós interpreta – de forma semelhante – por meios onde a cultura se manifesta, isto é, ela necessita que os indivíduos interpretem e deem sentido as coisas de forma igual. Ao afirmar que um grupo pertence a mesma cultura, isto é, que além da interpretação ser parecida, os dois conseguem compreender da mesma maneira e, portanto, os sentidos produzidos culturalmente são semelhantes. Os conceitos abordados por Hall (2016, p. 20) são “acima de tudo, os significados culturais não estão somente na nossa cabeça – eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam condutas e consequentemente geram efeitos reais e práticos”.

A cultura permeia a toda sociedade, e somos nós – em parte – que damos significados a objetos e a pessoas. A partir de como compreendemos e utilizamos às coisas, daremos sentidos a elas e a representaremos através das nossas práticas cotidianas. Ao nosso simples olhar para uma obra de arte ou o simples ato de cozinhar todos os dias, são formas escolhidas para representar o que sentimos, pensamos e necessitamos. Com base ao sentido que damos as coisas, embutimos valores que podem ser observados pela maneira que contamos uma história; nos emocionamos em algum filme que assistimos; as imagens que nos criamos sobre algo, dessa maneira, por meio das nossas representações introduzimos valores a elas.

Segundo Hall (2016), os sentidos são produzidos, por intermédio da linguagem, para a elaboração e após o compartilhamento, a partir de cada interação pessoal e social do sentido. O sentido é o que possibilita manter questões como a identidade e a noção de pertencimento a algo ou algum lugar – podendo assim ser associado a valores culturais de inclusão ou exclusão de determinada comunidade. As maneiras que os sentidos podem

ser compartilhados são muitas, ainda mais na mídia moderna de massa, sistemas globais de comunicação sendo distribuídos para todos os lados, em alta velocidade, contribuem para que diferentes valores culturais sejam recebidos e transmitidos. O sentido também é utilizado para regular normas e práticas cotidianas e, conseqüentemente, para estabelecer diretrizes responsáveis para a manutenção da sociedade de maneira a estruturar e controlar o comportamento dos indivíduos (1978 apud FOUCAULT e HALL, 2016).

O sentido, a linguagem e a representação contemplam o nosso “circuito da cultura”, onde os três elementos são os agentes da mesma cultura que compartilham o grupo de conceitos, ideias e imagens que possibilitam perceber o mundo de maneira semelhante. Sendo assim operam de modo representacional, pois, são práticas cotidianas que constroem significados e os transmitem. Os elementos – sons, itens de vestuário, letras de músicas, fotografias, objetos culturais – são exemplos de itens de pertencimento a realidade material – reproduzidos por símbolos – que traduzem pensamentos que as pessoas desejam e os transmitem aos indivíduos. Toda e qualquer forma de linguagem é elaborada por representações de ideias, conceitos e sentimentos expressados por esses signos, responsáveis por propagar a mensagem de forma semelhante a que nós vemos.

Segundo Hall (2016), a representação com a aplicação da linguagem é importante para os processos pelos quais os significados são produzidos. Através das práticas cotidianas embutimos sentidos, sensações de pertencimento a algo ou algum lugar, o que leva a formação de uma cultura nacional ou a identificação com uma comunidade local. De acordo com noções explicitadas por este (2016, p. 25), “a linguagem fornece, portanto, um modelo geral do funcionamento da cultura e da representação, especialmente na chamada abordagem semiótica – sendo esta o estudo ou a ‘ciência dos signos’ e seus papéis enquanto veículos de sentido numa cultura”.

Mas como são feitos os sentidos? Eles são produzidos sempre que nos expressamos por meio de objetos culturais e os adotamos nas práticas do nosso dia a dia e, sendo assim, atribuímos significados aos nossos objetos e ações. A partir da abordagem construtivista da representação conseguimos aplicar significados a campos amplos, como por exemplo; a publicidade, fotografia, cultura popular como forma de o significar na linguagem. Os objetos por si só não significam, nós que embutimos sentidos fazendo o uso de sistemas representacionais – que são os conceitos e signos. Estes sistemas consistem em sons que produzimos, nas palavras escritas, nas imagens retiradas de uma câmera entre tantas outras formas. Todas essas práticas sociais influenciam comportamentos e, conseqüentemente, geram efeitos reais em nossa sociedade.

Deste modo, é possível constatar que as fotografias, programações de televisão, os vídeos são diversas formas que contemplam um modo representacional do conceito, cujo autor deseja transmitir ao seu público um significado a partir do veículo utilizado para tal. Ao introduzir a imagem da personagem Globeleza, é nítido que o seu criador queria expressar, dar “sentido” a toda a alegria que a folia do carnaval representa aos brasileiros. O uso de cores vibrantes disponíveis nas fantasias (sendo observadas a partir das pinturas feitas em seu corpo); ao samba (um instrumento com valor cultural agregado ao carnaval e a cultura brasileira) e, para finalizar, a sensualidade da figura feminina negra (representada pela herança negra do país e pela ausência de roupa) relacionado a ideia de libertinagem que a folia proporciona ao indivíduo. O agente comunicador, representado pela televisão, é o agente responsável pela transmissão de significados, composto por valores culturais traduzidos na imagem.

As nuances indicadas na criação e montagem da personagem Globeleza correspondem a mensagem – repleta de significados simbólicos – por onde o autor deseja expressar a sua ideia. Com a apropriação de elementos típicos da folia associado a sentimentos comuns aos brasileiros, o público receberá a mensagem e, possivelmente, a interpretará da mesma forma que seu criador a idealizou. Contudo para a construção de todo e qualquer personagem há sempre uma pesquisa – com base em suas características – para o qual irá representar algo ou algum lugar, neste caso precisamente será o estereótipo da figura feminina brasileira. Após a análise do regime de representação da Globeleza, é explícita a prática de significados fez o uso da estereotipagem. Segundo Foucault, é uma espécie de “poder/conhecimento”, onde por meio dela “danifica” a imagem das pessoas e, muitas vezes, segrega entre os “aceitáveis” e “não aceitáveis” perante a sociedade (HALL, 2016).

Richard Dyer (1977), diz que a compreensão do funcionamento do estereótipo é a percepção da distinção entre “tipificação” e “estereotipagem”. O próprio afirma que sem o uso de tipos seria muito difícil extrair significados do mundo e são estas que oferecem “sentido” as coisas. Quando ao se referir ao mundo, estamos mencionando a objetos, pessoas e eventos que as classificamos em categorias amplas para dar “sentido” e “nome” as coisas na sociedade, portanto, essencial para a produção de sentido em nossas vidas. Dentro das classificações feitas através das tipificações – sendo possíveis por gênero, nacionalidade, idade, raça, personalidade – a personagem Globeleza é categorizada em gênero (mulher); raça (negra); personalidade (alegre). Em suma, a imagem que o indivíduo possui é constituída por inúmeras informações, baseadas em

categorias de tipificações, unidas e que ao final representam algo ou alguém. (HALL, 2016)

Para Hall (2016), o exercício da estereotipagem – conforme descrito acima na prática da tipificação da personagem Globeleza – é designado pela diferença perante as outras, isto é, características que já tinham sido consideradas anormais para o padrão de estéticas da época e foram reduzidas e simplificadas na “Mulata Globeleza”.

Assim, qual é o diferencial de um estereótipo? Estes se apossam das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados. Este é o processo que descrevemos anteriormente. Então o primeiro ponto é que estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa “a diferença (HALL, 2016, p. 191).

A classificação do estereótipo abrange uma prática de produção de significados, onde esta é importante para a representação da diferença racial. Para Dyer (1977, p. 28) as práticas da estereotipagem apoderam-se das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” de um indivíduo; reduzindo-o apenas a esses traços e depois exagerados, onde somente serão reconhecidos por essas particularidades simplificadas. O primeiro passo da estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”. Após a identificação da diferença, a mesma utiliza a estratégia de desmembramento; irá dividir o normal e aceitável do que é anormal e inaceitável. E, por último, a prática irá determinar os limites da normalidade, sendo assim, excluindo tudo o que for distinto. Um importante detalhe é que irá ocorrer onde houver grande desigualdade de poder (HALL, 2016).

Dyer (1977) acrescenta ainda mais sobre a construção de estereótipos e como se manifestam na sociedade, a seu ver:

Um sistema de tipos sociais e estereótipos aponta tudo o que está, por assim dizer, dentro e fora dos limites de normalidade (ou seja, comportamentos aceitos como “normais” em qualquer cultura). Tipos são instâncias que indicam aqueles que vivem segundo as regras da sociedade (tipos sociais) e aqueles que as regras são delineadas para excluir (estereótipos). Por essa razão, os estereótipos também são mais rígidos que os tipos sociais (...) os limites (...) devem estar claramente delineados e, dessa forma, os estereótipos, um dos mecanismos da manutenção dos limites, são caracteristicamente fixos, claros, inalteráveis (1977, p. 29).

A atividade da estereotipagem envolve a representação, a diferença e o poder. O poder em questão não está relacionado com coerção econômica ou física, “(...) poder de

representar alguém ou alguma coisa de certa maneira – dentro de um determinado regime de representação”. Conforme Hall (2016) argumentou acima, o estereótipo é um elemento importante para o exercício da violência simbólica, pois as estratégias escolhidas para a prática da representação consistem na caracterização de um indivíduo ou objeto de forma depreciativa, onde o traço “anormal” será exagerado e retratado dessa maneira. Fundamentado na teoria da representação como exercício da estereotipagem – a partir da criação da personagem – para produção de significado, observamos que a Globeleza se apropriou de elementos histórico-culturais passados para, entretanto, elevar a figura da personagem a partir da interpretação de representações construídas através da estrutura social e escravocrata.

As representações desenvolvidas na sociedade brasileira, ao longo dos anos sobre a sexualização do corpo da mulher foram mantidas com a personagem para aumentar a visibilidade de uma tradição brasileira. Para Freyre (2003, p. 184) “formou-se na América Tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata da técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça”. Com noções ainda exploradas por Freyre (2003), a vida brasileira começou com a intoxicação sexual a partir que o europeu desembarcou em solo brasileiro. O primeiro contato foi com mulheres indígenas nuas que, muitas vezes, se ofereciam em troca de um espelho ou um pente de cabelo. E, posteriormente seria com a chegada dos negros que foram trazidos da África para serem escravizados e logo, principalmente as mulheres, serem abusadas sexualmente devido suas formas serem distintas das normalidades.

A mesma atmosfera tropical existente durante a colonização portuguesa é representada pela personagem a partir de uma tradição nacional. Tradição essa que foi criada pelo Homem. Segundo Harvey (1989, p. 303), “a afirmação de qualquer identidade ligada ao lugar tem que apoiar em algum ponto no poder motivacional da tradição. É difícil, porém, manter qualquer senso de continuidade histórica em face de todo o fluxo e efemeridade da acumulação flexível. A ironia é que a tradição agora é frequentemente preservada ao ser mercantilizada e comercializada como tal. A busca de raízes acaba sendo ligada e comercializada, no pior das hipóteses, como imagem (...)”. As imagens estão conectadas com informações, crenças e no imaginário que as pessoas adquirem ao longo da vida e, portanto, a ideia da construção de uma personagem mulata é a interpretação materializada de valores passados ainda presentes na sociedade atual.

Ao utilizar a figura da Globeleza como representação do carnaval, é visível sua silhueta extremamente curvilínea – a mesma das negras do Brasil colonial – definida juntamente ao “samba no pé” (ao remeter ao carnaval) fez com que ela tivesse suas características simplificadas e evidenciadas, isto é, foi responsável por espelhar o perfil da mulher brasileira com o olhar que a sociedade já o tinha. A construção da imagem utilizou-se da desigualdade de poder, do corpo visto como “anormal” a realidade, a reduziu e a excluiu, reafirmando o tão conhecido estereótipo das mulheres brasileiras. “Em poucas palavras, é a parte da manutenção da ordem social e simbólica” (Hall, 2016, p. 192). A mistura de seu corpo curvilíneo associado a dança intensificou a sua sensualização e, portanto, demonstrou para além do seu modelo de representação e estereotipagem uma erotização – por parte da personagem – em questões relacionadas a fantasia e ao fetichismo no imaginário de seu público.

Recorrendo a outro exemplo de estereotipagem associado a questões de fantasia e fetichismo, o caso da Vênus Hotentote, ou Vênus Negra, o caso da africana que foi trazida a Inglaterra por ter atributos físicos exóticos e diferentes da “normalidade” – a Saartjie Baartman – pertencente ao povo Hotentote. “(...) herdou as características físicas pelas quais ficaram conhecidas as mulheres de seu povo: uma espécie de “avental frontal”, ou avental hotentote”, que denotava a hipertrofia de seus lábios vaginais; bem como a esteatopigia, o que lhe conferia um acúmulo de gordura nas nádegas fazendo-as maiores, mais salientes e elevadas em relação ao padrão europeu” (Braga, 2011, p. 5). Trazida para Londres na perspectiva de promover o entretenimento do público europeu, foi exposta – como um “animal selvagem” preso dentro de uma jaula – em feiras, circos e teatros.

Apresentada em jaula, como os animais selvagens, “Saartjie aparecia presa a uma corrente (nua, porém com a vagina coberta) e caminhava de quatro, de maneira a ressaltar o seu traseiro e sublinhar a natureza ‘animalesca’ que, naqueles tempos, costumava-se atribuir à sensualidade “(PELLEGRINI, 2009). As marcas que a Vênus de Hotentote deixa somente comprovam a curiosidade e estranheza, por parte da população branca, em relação a sua “monstruosidade” corporal. Para essa disparidade, “os brancos se construía como civilizados, comedidos, inteligentes. Funda-se a representação de que a sexualidade feminina, não calçada no corpo branco, controlado, é em geral patológica” (DAMASCENO, 2007). A mesma semelhança e estranheza que o corpo de Saartjie aguçou no imaginário e ao fetichismo das pessoas – devido ao corpo curvilíneo – e, portanto, apresenta o mesmo significado que a personagem Globeleza.

A representação do carnaval a partir da apropriação de uma figura feminina e mulata impacta a forma que o país é visto pelo mundo e consumido pelos turistas. A forma que o Brasil é representado interfere no olhar dos turistas, “*Gaze*”, cujo mesmo buscam por uma experiência autêntica de um local quando o visitam. Para Urry (2011), o olhar é construído por meio de signos, e o turismo envolve a coleta dos mesmos e, sendo assim, o carnaval no Brasil é uma festividade conhecida por todos e, por isso, tendo uma figura pública simbolizada de forma erotizada apenas ratifica a imagem propagada da mulher brasileira. Para Urry (2011, p. 2), “é uma visão construída por meio de imagens móveis e tecnologias representacionais. Como o olhar médico, o poder do olhar visual dentro do Turismo moderno está vinculado e possibilitado por várias tecnologias, incluindo filmadoras, filmes, Tv, câmeras e imagens digitais”. O olhar determinado do turista sobre pontos turísticos é dependente.

De acordo com noções de Urry (2011), as imagens podem tanto excluir quanto incluir alguém, reforçando assim “olhares visuais dominantes” e representações estereotipadas. A forma como o olhar do turista é condicionada – sejam por memórias pessoais, por leituras, filmes, televisão – é semelhante de imagens e textos de campanhas publicitárias turísticas compartilhadas por determinado local, ou seja, da maneira que a imagem retratada da personagem Globeleza foi atribuída um poder simbólico, onde a imagem possui valores contidos nela e além dela. O modelo representacional explicitado por Hall (2016), é identificado por elementos importantes para a construção da personagem, estes foram baseados em fatores passados que possibilitaram o desenvolvimento da protagonista a fim de expressar um significado: o carnaval.

Contudo para o modelo representacional de uma festividade amplamente conhecida foram embutidos valores para a criação da personagem. Fatores estes que serão discutidos posteriormente e que estão relacionados com a forma que a imagem, de cunho sexual, da mulher brasileira ainda é projetada no exterior. Por meio de discursos socioculturais de racismo, que estiveram presentes desde a época colonial no país, colaboraram para a construção da identidade nacional brasileira e, por consequência, a representação da mulher brasileira. A partir das mais variadas linguagens utilizadas para a representação – imagens, vídeos, literatura ou programas de televisão – estarão interferindo diretamente ao olhar do turista e, portanto, ao que se conclui ao estereótipo de uma nação criado a partir de representações construídas pela sociedade.

1.2 A erotização do carnaval como reflexo de *Soft Power*

Com o discurso no 10º aniversário de criação da Embratur – Empresa brasileira de Turismo, o presidente Said Farht disse: “O Turismo é uma forma de criar uma imagem da pátria; o turismo é uma forma de enriquecimento espiritual; o turismo é o lazer transformado em aprendizado de brasilidade” (apud ALFONSO, 2006, p. 32). Ao exemplificar as qualidades e benefícios do turismo tanto para o país como para as pessoas, primeiramente, precisamos remetermos ao passado para analisarmos como foi o início da promoção do Brasil, para identificação de aspectos que já eram significativos e representativos – como o samba, o carnaval, a mulher – para a criação, divulgação e consolidação de uma imagem turística.

Entretanto outros agentes – como a literatura, a televisão, o cinema, a música, as festas populares, as mídias – também são responsáveis para a representação nacional. A partir de personagens emblemáticas; como a mulata Gabriela, de Jorge Amado, e a Garota de Ipanema, de Tom Jobim, constatamos diferentes formas de representações, nesse caso específico direcionado a figuras femininas para fortalecimento das imagens locais e igualmente para construção de estereótipos de uma nação. Aprofundando um pouco mais sobre a temática, o Carnaval do Rio de Janeiro, a principal festa divulgada do Brasil no exterior, pode ser usada como exemplo para contribuição da representação de um país. A imagem do evento já está arraigada quando pensamos sobre festas e sensualização do corpo da mulher – os desfiles das escolas de samba, com belas mulheres sambando seminuas, somente fortalecem o estereótipo criado no passado sobre a representação feminina brasileira.

Os veículos de comunicação em massa, neste caso em questão é a Rede Globo, ajudam e muito a propagação e consolidação de uma representação local. O poder de alcance e a influência do agente comunicador são fatores determinantes para estabelecerem a sua audiência pré disposta a consumir determinado produto, seja ele compartilhado pelo meio de imagens ou por programas de televisão. A construção do estereótipo está relacionada diretamente com a imagem projetada de seu país no exterior, entretanto, para que tal aconteça é de suma importância a contextualização da festividade mundialmente conhecida no Brasil – o carnaval – com a regularidade da representação feminina por meio da erotização de sua figura.

Dentro de toda a complexidade exibida nos desfiles das escolas de samba, o carnaval ganha presença destacada como maior traço da identidade cultural do país,

estando presente a memória do povo brasileiro e, tornando-se uma das principais fontes de manifestações culturais do país. Através da presença, ou muitas vezes da ausência de vestimenta, a festividade alcançou dimensões grandiosas com a apropriação do corpo feminino de forma singular e característica principal do carnaval. A figura feminina excessivamente erotizada tornou-se um dos principais pré-requisitos carnavalescos, onde foi incentivada a partir da década de 70 pelo órgão responsável pela divulgação do Brasil no exterior – a Embratur – e assim tornando-se o fruto da representação turística do país até os dias de hoje.

Para o entendimento da consolidação da imagem do país e da relevância internacional do mesmo, é imprescindível atentar para a abordagem política e histórica do Brasil como forma de motivação para propagação da imagem no exterior. A criação da Embratur, o primeiro órgão responsável pela promoção do Brasil, foi o início para as diretrizes de comercialização internacional do país. Com a sua criação em 1966, foi a primeira iniciativa de investimento no setor turístico no país e da preocupação da imagem turística no exterior. Sabendo que o Carnaval é um evento de grande importância e gerador de renda, seu conteúdo foi explorado em diversas formas nos catálogos promocionais no Brasil, conforme poderemos observar mais adiante, com a presença sempre marcante das mulheres brasileiras.

Segundo Kajihara (2010), apesar da extensa pesquisa realizada, inclusive na sede da Embratur em Brasília, não foi encontrado nenhum material promocional da entidade durante o período de 1967 a 1971. Contudo, a década de 70 foi o início da estruturação de materiais promocionais, cujo teor foi centralizado em três grandes estereótipos: Rio de Janeiro, carnaval e a mulher brasileira. A intenção era retratar “O carnaval do Brasil” juntamente com os festejos carnavalescos, a imagem do Rio de Janeiro e seus principais atrativos turísticos foram manipulados para atrair mais turistas ao país. A partir dos três pilares, adicionado a uma dose erótica a imagem da mulher brasileira, pois ela seria o principal elemento responsável para a construção da imagem turística do Brasil, que está presente e arraigada no imaginário das pessoas até os dias atuais.

Para Bignami (2008, p. 8), “O carnaval muitas vezes é comparado à loucura, à alusão, a um vulcão de erupção, a um louco espetáculo e aos dias mais doidos, ao total frenesi”. Na década de 70, o carnaval na cidade do Rio de Janeiro foi tema, quase que exclusivamente, das campanhas promocionais juntamente com os principais pontos turísticos – Cristo Redentor e Pão de Açúcar – o que ajudou tanto no desenvolvimento em infraestrutura da cidade, mas também lançá-lo como potencial destino turístico. Para

Allis e Spolon (2008), através do suporte da EMBRATUR, a cidade apostou em seu cenário exuberante urbano como estratégia para conciliar a beleza da cidade, associado ao frenesi causado pelo carnaval para se desenvolver no setor do turismo, o que se estende até os dias atuais.

Entretanto é interessante contextualizar o período político do Brasil com a campanha, na época vigente, para compreensão no uso das imagens de festas, a alegria e a figura feminina como representação do Brasil em campanhas promocionais oficiais para o exterior. A época da ditadura militar foi um período de censura aos meios de comunicação, conhecido como “Anos de Chumbo”, que esteve em vigor até 1974. Foi um período de completo controle do que era divulgado pelos veículos de comunicação. Segundo Nadine (2006, p. 27), “censores da polícia federal estavam presentes nas redações de jornais e revistas, nas emissoras de rádio e Tv. Os noticiários e as novelas de Tv foram superfiltrados e maquiados com imagens pasteurizadas de paz, de prosperidade e tranquilidade social”.

Para Santos Filho (2004), o órgão institucional do turismo no Brasil, a EMBRATUR, foi utilizado para encobrir o período sombrio, de torturas, violência e ausência de liberdade de expressão no país. Para ele, “a estratégia consistiu em montar uma propaganda política oficial que seria veiculada por meio de um órgão de turismo, em que as belezas do Brasil serviriam para ocultar o que de fato estava ocorrendo no país. Com um apelo voltado à plástica da mulher brasileira, ao carnaval e à hospitalidade do povo em receber bem o turista estrangeiro, criaram-se instrumentos que exploravam o lúdico das pessoas, transmitindo uma mensagem de otimismo e ufanismo nacionalistas.

Conforme observado nas imagens seguintes, a figura da mulher brasileira foi explorada excessivamente nos materiais promocionais do país para o exterior. Primeiramente com uma abordagem voltada para a representação feminina associada ao carnaval – onde se observa através de elementos como a pluma e paetês – e, posteriormente, com o foco central do conteúdo enfatizado, de forma erotizada, no corpo da mulher nas praias, onde poderiam aproveitar-se da estrutura física cheia de “curvas” da mulher através dos biquínis brasileiros. Com *slogns* como “See you in Brazil” e “Sell the thrill of Brazil”, demonstravam não somente o interesse em vender o país internacionalmente, mas também a ideia de comercialização das mulheres brasileiras como alternativa para ofuscar a ditadura militar instalada no Brasil. Tendo como atrativos belas mulheres e praias, o país também iria se destacar como um potencial destino

turístico de cunho sexual, onde as motivações dos turistas seriam somente a procura de mulheres para seu entretenimento e desejo sexual.



Figura 1- Fonte EMBRATUR 1973.



Figura 2- Fonte EMBRATUR 1975.



Figura 3 - Fonte EMBRATUR 1975.



Figura 4- Fonte EMBRATUR 1977 e 1978.

Como alternativa para desmistificar os rumores da ditadura vigente no momento, os materiais publicitários da EMBRATUR foram utilizados para ocultar o período de barbárie no país. O conteúdo escolhido para representar o Brasil no exterior foi centralizado em dois parâmetros: biquíni e carnaval. A intenção era mostrar ao mundo as maravilhas do Brasil, utilizando a erotização do corpo da mulher como forma de captação de turistas, além de associar a sensualização a época mais festiva e alegre do país, o carnaval. Para Alfonso (2006, p. 89), “a imagem de um povo alegre e hospitaleiro marca

diferencial dos brasileiros com relação aos "outros", também é uma constante no discurso do material publicitário da EMBRATUR, desde o início da década de 70".



Figura 5 - Fonte EMBRATUR 1983.



Figura 6 - Fonte EMBRATUR 1983.



Figura 7 - Fonte EMBRATUR 1988

Concluimos através das imagens publicitárias oficiais presentes nas décadas de 70 e 80 tiveram uma intensificação pelo apelo sensual das figuras femininas como forma de atrativo turístico associado ao carnaval, uma época de grande festividade onde, naturalmente, o fator do pouco uso de vestimenta das fantasias contribui para a sensualização da mulher brasileira. Segundo Kajihara (2010), a ideia secundária, porém não menos importante, era divulgar a mulher brasileira como produto turístico e de grande atratividade turística, que poderia ser encontrada em qualquer parte do país. Como respostas aos materiais promocionais da EMBRATUR teria como resultado uma imagem

depreciativa da mulher, onde ela seria vista como “fácil” para os estrangeiros, causando um estereótipo da representação feminina no exterior que existe até os dias atuais.

Para Alfonso (2006), o carnaval utiliza a representação de símbolos como a “mulata” e o samba, que são elementos pertencentes a “raiz africana do Brasil” e, portanto, para mostrar a formação de raças e a diversidade do país. Contextualizando com os conteúdos promocionais do órgão responsável pela promoção do país ao objeto em questão do trabalho, na década de 90, criou-se uma personagem mulata – A Globeleza – como imagem expressiva de uma emissora de televisão responsável pelo pontapé oficial do carnaval na televisão brasileira. A sensualização feminina da personagem muito se assemelha com as imagens utilizadas no material promocional da EMBRATUR, fortalecendo não só o estereótipo da figura feminina erotizada, mas também na alegoria cultural do país constituído por mulatas; carnaval e futebol, figura esta que se encontra presente no imaginário internacional.

A partir da personagem criada pela emissora de televisão brasileira, a Rede Globo, tornou-se um símbolo para sociedade quando o assunto fosse o carnaval. Uma figura expressivamente bela, negra e sensual que se transformaria, de certa forma, responsável pela exportação da cultura brasileira e pela legitimação do estereótipo do Brasil. A televisão é uma das diversas fontes de transmissão de valores e propósitos que – por muitas vezes – são capazes de influenciar as pessoas sobre aspectos e comportamentos, entretanto, nos faz refletir sobre a imagem de uma mulher negra erotizada selecionada como uma das fontes de representação do carnaval. Ao analisar e comparar com a época da ditadura, é possível perceber que a escolha da mulata seminua é o mesmo que remeter o país a mesma ferramenta de promoção do passado: a de destino turístico sexual.

A promoção de um destino é baseada em aspectos culturais locais trabalhadas por meio de potencializar a visibilidade e a atração de turistas. A cultura – seja ela vinculada na literatura, no cinema, em programas de televisão – é responsável por influenciar os indivíduos a possuir determinado objeto ou *lifestyle*, como também atrair e compartilhar os valores e ideologias adquiridas por intermédio das fontes da cultura. Para Nye (2004), o ato de persuadir ou influenciar outro indivíduo está muito mais relacionado com o poder que uma exerce sobre a outra do que através de seus próprios recursos, isto é, o poder em questão é a capacidade de obter o que se deseja. Para tal, existem inúmeras maneiras de conseguir, seja ela através do poder oriundo de ameaças, sanções econômicas ou pelo método de atração e indução - sem impor qualquer tipo de obrigação- para conseguir o que almeja, conhecido por *Soft Power*.

Ao apresentar o conceito de atração e indução ao objeto que será discutido mais a frente, a personagem Globeleza criada pela emissora Rede Globo para divulgar o início do carnaval em sua grade de programações, é sempre percebido, que através de políticas passadas utilizadas para divulgação do turismo no Brasil – com o uso e legitimação do corpo da mulher de forma erotizada – continuam a seguir a mesma linha de pensamento. O fato de o veículo de comunicação Rede Globo continuar a persistir, explorar e escolher o corpo feminino como símbolo cultural de um país somente fortalece ainda mais a imagem exportada da mulher brasileira. Neste caso, o agente comunicador age para o exercício de *Soft Power* através da sua personagem inventada, ratificando a imagem propagada do Brasil no exterior.

Para que a compreensão do conceito seja melhor, ou seja, como o poder em questão é manifestado, a utilização dos seguintes exemplos será trazida para elucidar o contexto em que aparecem, qual a razão de muçulmanos fundamentalistas apoiarem e seguirem Osama Bin Laden? Ou o motivo de católicos fervorosos seguirem certos tipos de ensinamentos presentes na Bíblia? Nos dois casos os veículos responsáveis pelo exercício do poder estão no elemento religião, cada qual com a sua fonte propagadora, entretanto, as razões dos apoios não estão relacionadas com a força e com sanções econômicas, mas sim por valores autênticos e genuínos compartilhados por seus líderes. O respeito a autoridade moral de seus líderes, por exemplo, somente ilustra a capacidade de seus chefes de afetarem o comportamento de indivíduos, sem a obrigatoriedade de ameaças e sanções, para conseguir espalhar o que tanto estes cobiçam (NYE, 2004).

A utilização do artifício com base no poder da sedução para que se consiga compartilhar, seja ela uma ideia, valor, interesse ou comportamento sem o emprego da força ou do dinheiro é conhecido como o *Soft Power*. O método se apropria de uma estratégia em que não se aplica a força ou nenhuma outra sanção econômica para conseguir influenciar alguém com o que se deseja. Para Nye (2004), o poder da atração é o elemento responsável pelo compartilhamento de valores e, para tal, ainda afirma que a negação da existência e da importância do *Soft Power* é a não compreensão do poder de sedução. O conceito aplicado é muito mais do que o ato de persuadir alguém, é a capacidade de atrair e aliciar para valores, que as pessoas já julguem adequadas, para aproximar cada vez mais interessados ao assunto propagado.

Segundo Nye (2004), em poucas palavras, se o comportamento de alguém é determinado por uma atração observável, porém inatingível, isto é, exceto pelo uso de ameaças ou sanções econômicas, é possível identificar o *Soft Power* em questão.

Contudo, a atração não é sempre estabelecida pela preferência de alguém ou por alguma coisa, ela poderá ser observada entre a lacuna do poder medido – a forma como ele é manifestada – com reflexos aos resultados da atração apresentada no comportamento das pessoas. Através de uma atração inatingível que nos seduz a seguir propósitos e valores de terceiros, sem qualquer ameaça explícita ou troca monetária, para ir de encontro ao mesmo desfecho.

Os meios de comunicação possuem funções ímpares na formação da opinião pública e podem reforçar estereótipos e preconceitos já arraigados no imaginário de uma sociedade, sendo protagonistas e responsáveis por qualquer conteúdo difundido pelos mesmos. O grupo Globo, é o maior conglomerado de comunicação no Brasil e um dos maiores a nível mundial, tem especial impacto em seus receptores por representações criadas para elucidar seja um *lifestyle*, o que acontece principalmente através do estilo de vida carioca expressado em suas novelas, ou até por figuras emblemáticas criadas pela própria para simbolizar a cultura de um país. Em todos os enquadramentos apresentados traduzem para a prática do *Soft Power*, sendo um veículo expoente de ideologia, interesse e comportamento trabalhando por influenciar, de forma indireta e sutil, a cultura brasileira ao seu público.

As fontes do *Soft Power* dentro de um país são estabelecidas em três pilares: cultura – conjunto de fatores que adicionam valores e interesses para um país por intermédio da literatura, música, arte, televisão; valores políticos – valores adequados no próprio país e no exterior; e políticas estrangeiras – a partir da sua legitimidade e autoridade moral. Segundo Nye (2004), autor do *Soft Power*, a eficácia de qualquer fonte de transmissão de poder depende do contexto em que esteja inserido. Ao analisar a figura da Globeleza, é nítida a identificação do aspecto cultural – o carnaval é um dos principais festivais culturais e geradores de renda para o Brasil; os valores políticos relacionados a representação de uma mulher seminua erotizada como símbolo ser permitida pois desde o início a mesma abordagem foi utilizada para promoção do próprio e, por último as políticas estrangeiras, já que a Rede Globo é o grupo de comunicação com maior relevância no país e um dos maiores a nível mundial.

Através das mais variadas formas de transmissão da cultura – sejam elas por meio de contatos pessoais, visitas e trocas – a Rede Globo conseguiu vender a imagem do carnaval utilizando a figura feminina de forma erotizada, tanto no Brasil como para fora do país. Ao refletir sobre os valores apresentados sobre a representação da mulata Globeleza, automaticamente o seu público será remetido a sensualidade, as praias,

biquínis e de toda brasilidade da mulher. Ela que sempre foi vista como “fácil” e requerida apenas para diversão para com os homens, é um rótulo que todas as brasileiras carregam e que se encontram estigmatizado independentemente de qual seja a sua função no local.

A emissora se beneficiou da sua relevância no setor de telecomunicações para promover o seu propósito em anunciar a festividade com maior visibilidade no Brasil. A partir de sua capacidade em compartilhar informações e valores – e fiar-se nelas – se torna uma importante fonte de atração e poder, isto é, a criação da personagem da Rede Globo - cujo teor do conteúdo sempre foi associado a uma figura sensual – somente contribui para a legitimação do estereótipo criado da mulher brasileira. Dessa vez ela estaria presente anualmente durante o período do carnaval para simbolizar a folia da festa, o entretenimento ao seu público e transmitir a mensagem que durante o período carnavalesco tudo era permitido.

Sabendo que no passado a representação da mulher foi aplicada em materiais promocionais do país no exterior com intuito em ofuscar a presente situação política, que em determinado momento simpatizava com uma ditadura, apropriou-se da antiga imagem e adicionou uma dose artística, pois é inegável tanto a beleza da personagem como também as pinturas feitas em seu próprio corpo. Utilizar a representação de uma bela mulata seminua sambando durante os intervalos das suas programações, foi uma estratégia talentosa para conseguir obter os resultados desejados, ou seja, por conseguir espalhar sua ideologia diversificada como forma de distingui-la de outras emissoras concorrentes, mesmo que para isso a representação feminina tenha sido interpretada de maneira pejorativa e em cunho de “objetificação” para com os outros.

1.3 A TV Globo: O abre-alas do entretenimento para o mundo

A inauguração da TV Globo, em 26 Abril de 1965, foi o início da expansão do conglomerado da rede que contempla o maior complexo de comunicações sociais do Brasil, composto pelo jornal O Globo, o sistema Globo de rádio, uma agência de notícias, uma editora, um parque gráfico e uma gravadora. Com cinco emissoras geradoras de rede – o número máximo permitido pelo código de telecomunicações de somente um proprietário – e mais de cem afiliadas no Brasil continua a ser líder em audiência, desde pelo menos a década de 70. Através da TV Globo Internacional, o veículo de comunicação opera seus conteúdos de entretenimento, notícias e programação esportiva

para brasileiros no exterior e demais lusófonos presentes nas Américas, Austrália, Europa – com sede em Lisboa (2011) – África, Oriente Médio e Japão.

Contudo uma emissora de TV com tamanha cobertura torna-se ainda mais relevante não somente pelo processo da comunicação, mas também através de seu conteúdo capaz de influenciar a opinião sobre coisas e pessoas. Ao analisar o complexo veículo de comunicação, o estudo estará relacionado igualmente a questões, como por exemplo, culturais e políticas em que a emissora esteve envolvida. Ao que se refere principalmente a exportação das telenovelas e apoio ao governo na ditadura militar no Brasil. O poder da comunicação é responsável pela construção do imaginário em seus telespectadores e, por si só, influenciando o seu estilo de vida, a sua forma de pensar e agir. A volta ao passado histórico da TV Globo é imprescindível para o entendimento de como foi importante a consolidação dela no mercado da televisão brasileira, seja ou como porta-voz de notícias e entretenimento ou responsável pela distribuição e influência da história e cultura brasileira.

Para que seja possível a compreensão do sucesso da emissora Globo ao longo dos seus cinquenta e cinco anos, é preciso voltar ao passado e acompanhar todos os passos dados por ela. Muito mais que só analisar sua história, é necessário entender um pouco mais sobre a fórmula de sucesso alcançada e todos os detalhes pontuais que possibilitaram a emissora alcançar a liderança na audiência. O veículo comunicador difundiu sua programação e firmou sua hegemonia em todo o Brasil e, mais tarde, mundo afora. Contudo não é possível ignorar ao longo de cinco décadas que outras emissoras também tiveram sucesso, como por exemplo: a Tv Rio, Tupi, Excelsior e Record. Elas também contribuíram para o desenvolvimento do mercado televisivo brasileiro – seja com lançamento de programações, linguagens e artistas, mas também experiências ruins que levaram ao fracasso, porém foram importantes para que a Globo não cometesse as mesmas falhas e a levassem ao fracasso.

É possível afirmar que o fator de grande importância e que proporcionou viabilidade ao sonho de Roberto Marinho, o responsável pela criação da emissora, foi o acordo da TV Globo com o grupo norte-americano Time-Life (1962). A parceria incluiria consultoria administrativa e financeira, permitindo não só a entrada de capital estrangeiro como também apoio tecnológico para que fosse possível a construção de uma grande emissora. Todavia o contrato com a empresa americana infringia o artigo 160 da constituição Federal de 1946, que diz “É vedada a propriedade de emprêsas jornalísticas, sejam políticas ou simplesmente noticiosas, assim como a de radiodifusão, a sociedades

anônimas por ações ao portador e a estrangeiros. Nem êsses, nem pessoas jurídicas, excetuados os partidos políticos nacionais, poderão ser acionistas de sociedades anônimas proprietárias dessas empresas. A brasileiros (art. 129, nºs I e II) caberá, exclusivamente, a responsabilidade principal delas e a sua orientação intelectual e administrativa”.

Com a proibição de capital estrangeiro operado em empresas de radiofusão, neste caso a TV Globo foi alvo de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito), que segundo Hyngst (2004) foi catastrófica e obrigou a emissora devolver ao grupo norte-americano a quantia de US\$ 4,5 milhões investidos na televisão, referente ao período entre 1963 a 1966. Conforme Herz (1987), a partir do contrato que ainda estava vigente, a TV Globo recebeu entre Julho de 1962 e Maio de 1966, em torno de US\$ 6 milhões, um valor que representava trinta vezes o valor capital nacional que detinha a emissora brasileira, sem contar com todo o pilar na compra de programas e consecução de publicidade norte-americana.

Nesse sentido, não é exagero algum afirmar que a Globo já surgiu a partir da infração da legislação, visto que o Código Brasileiro de Telecomunicações, de 1962, proibía a participação de capital estrangeiro na gestão e administração de uma empresa licenciada para operar serviços de radiodifusão. Para encobrir a violação do CBT, a Globo vendeu seu principal edifício à Time-Life e começou a pagar ao grupo norte-americano 45% de seus lucros líquidos como aluguel (HERZ, 1987).

O contrato entre a TV Globo e o Time-Life gerou desconforto e insatisfação em outros veículos de comunicação brasileira, e a partir do constrangimento gerado foi feito um documento, o “Manifesto à Nação”, nada mais que uma resposta ao impacto que esta negociação gerou ao mercado televisivo brasileiro. A declaração foi assinada por treze jornais, pelo sindicato dos proprietários de jornais e revistas de São Paulo, associação das emissoras de São Paulo e pelo sindicato das empresas de radiofusão de São Paulo, publicada em Janeiro de 1966, afirmava a entrada de capital estrangeiro no país através da indústria jornalística nacional como também a gestão de jornais, revistas e empresas de radiofusão aos estrangeiros.

Após seis meses da CPI que investigava a empresa de Roberto Marinho por descumprimento do artigo 160 da Constituição Federal, para além da divulgação do “Manifesto à Nação”, a CONTEL, que realizava a investigação do processo de forma sigilosa, solicitou esclarecimentos à Globo sobre o contrato feito com o Time-Life. Conforme solicitado, a Globo encaminhou todas as documentações referentes ao contrato com a empresa norte-americana. Ao final do processo, a CPI confirmou, por

unanimidade, a violação da Globo à Constituição Federal brasileira e ao Código Brasileiro de Telecomunicações e solicitou uma penalidade ao veículo comunicador, que teve o prazo de noventa dias para sua regularização.

A partir da entrada da TV Globo ao mercado brasileiro de televisão permitiu que não somente ela conquistasse novos rumos, como também providenciasse o desenvolvimento do mercado televisivo deixando-o de ser um mercado concorrencial para se tornar concentrado. O grande diferencial para outras emissoras fortes existentes na época, era a ausência de unificação do mercado nacional e, entretanto, esse foi o aspecto que distinguiu a Globo das restantes. Através de sua gestão administrativa adotada, possibilitou ao público das mais diversas partes do Brasil o direito ao acesso a notícias e entretenimento, tornando-se um exemplo a ser seguido pelos demais e marcando sua permanência até os dias de hoje.

O modelo de transmissão das programações distribuídas pelas emissoras era feito através do formato videoteipe. Uma modalidade que, até aquele presente momento, era funcional e permitia que as demais cidades brasileiras pudessem ter o acesso as programações diárias das empresas de radiofusão. O processo consistia em gravações feitas em fitas e compartilhadas por empresas afiliadas que seriam substituídas, posteriormente, por uma forma muito mais rápida, prática, mas nem tão acessível – a partir da década de 70. Através da criação da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) em 1965, tornaria possível a distribuição do sinal via satélite, onde as principais cidades brasileiras seriam interligadas por rede nacional de micro-ondas, cujo projeto seria patrocinado por militares que seguiam ao planejamento da “integração nacional”, pertencente a Doutrina de Segurança Nacional fomentada pelos mesmos.

Mais uma vez a Globo aproveitou todas as oportunidades para avançar com sua política expansionista ao perceber, que por alto custo que fosse, a confiabilidade nas transmissões via satélite pelos serviços da Embratel era mais adequada do que importar micro-ondas, a baixo custo, dos Estados Unidos que já estavam sendo substituídos por uma tecnologia mais desenvolvida. O valor do investimento seria elevado, porém de forma astuta, redirecionaram o aumento dos custos das transmissões via-satélite para a tabela de preços da publicidade em sua grade de programações. Afinal, buscando o maior número de emissoras afiliadas para minimizar os altos custos, estariam repassando as despesas do investimento para empresas interessadas em divulgar seus anúncios na TV Globo e avançando sua política expansionista no mercado televisivo brasileiro

simultaneamente. Desde então toda e qualquer notícia, seja do Brasil ou do mundo, seria distribuída a todo país e, assim consolidando a TV Globo líder em audiência.

Segundo Hingst (2004, p. 32), “a rede Globo cresceu em um momento em que o governo militar agia estrategicamente dentro dos conceitos da Doutrina de Segurança Nacional, em que o binômio segurança-desenvolvimento era fundamental e uma rede de comunicação com o apoio da telefonia e das telecomunicações era essencial para proteger as fronteiras do país”. Juntamente com medidas tecnológicas de transmissão associado ao seu “Padrão Globo de Qualidade”, que segundo Hingst (2004), foi criado por Clark e Boni, equipe dirigente da empresa, com a intenção em dar unidade estética e artística para a imagem da emissora. Portanto diversas mudanças em prol de uma reestruturação para promover uma nova identidade juntamente com uma programação própria visando captar novos telespectadores.

A relação entre a Globo e o golpe militar no Brasil (1964) começa a se aproximar a partir do momento; em conformidade com Caparelli (1982, p. 26) diz que “os militares necessitavam dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, para a obtenção de uma legitimidade que não tinham”. Com os militares no poder era sinônimo de pensamentos conservadores e nacionalistas, ideias de centralização de poder no Estado como medida indispensável ao país, somente a elite diligente teria o dever em selecionar o conteúdo que o coletivo teria acesso e não cogitavam que empresas brasileiras de jornais, revistas e radiofusão tivessem qualquer relação com estrangeiros. Todos os fatores acima mencionados condizem com a doutrina da segurança nacional seguida pelo Estado durante a ditadura militar no Brasil.

Desse modo era importante os militares oferecerem inúmeras facilidades para com empresas da indústria da comunicação transmitirem seus avisos oficiais e espalharem suas posturas ideológicas. A começar, por exemplo, com a promoção da produção nacional, com apoio técnico para concessões a televisão; por oito anos não houve reajuste nas taxas obrigatórias de empresas de radiofusão; isenção nas taxas de importação de equipamentos para instalação e manutenção de estações de rádio e tv. Todos os benefícios providos com o intuito em levar suas diretrizes e mostrar desenvolvimento do país. O favoritismo pela TV Globo começa quando a mesma se posiciona em seus veículos em prol do Governo, visando sempre sua política expansionista na indústria de radiofusão, e o Governo favorecendo-se da imagem sólida que a emissora conquistou.

Com uma estrutura administrativa e financeira mais sólida, adaptada à expansão do capitalismo brasileiro com uma concentração de capital, sem os percalços que o

pioneirismo colocou no caminho da Rede Tupi, e com uma industrialização firmemente assentada no Brasil, voltada para o consumo, a Rede Globo começou a ganhar a guerra de audiência (...) Além do mais, os primeiros anos da década de 1960 já tinham sido marcados por uma penetração econômica de grandes proporções, desorganizando o mercado de anúncios, principal fonte carregadora de fundos para as televisões comerciais. A partir de 64, com a entrada do capital estrangeiro, a escolha da televisão como veículo para divulgação dos produtos de consumo, agora fabricados no Brasil, começa a tomar porte, só que beneficiando o cartel da Globo (CAPARELLI, 1982).

Como emissora líder no mercado e favorita do Estado, era necessário construir sua identidade e para isso regressarmos ao “Padrão Qualidade Globo”. Segundo Hingst (2004), houve uma reformulação estrutural não só na emissora quanto na grade da programação, extinguindo os programas populares para investir em uma nova imagem e identidade da empresa. Para isso era necessário ter uma programação fixa – telenovela, telejornal, show – programas únicos, todos feitos por ela própria, com competência técnica e em sintonia com os interesses do público. Ao afirmar que após o uso “Padrão Qualidade Globo”, conhecido até os dias de hoje, foi estabelecido o hábito da população pela programação da emissora, garantindo não só a audiência como também o aumento do numerário publicitário.

O mercado nacional não era o bastante para emissora e, conseqüentemente, começou a visar o mercado internacional. A primeira telenovela exportada foi o Bem-Amado (1976), de Dias Gomes, vendida para TV Monte Carlo de Montevideo, no Uruguai. Em seguida foi vendida para quase toda América Latina e México e assim abrindo novos caminhos para a comercialização internacional. A próxima novela exportada seria Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado, para Portugal e assim tornando-se a primeira telenovela exportada para outro continente. Vale ressaltar que as organizações Globo também adquiriram participações da Telemontecarlo (1985), emissora italiana, e seis anos mais tarde a SIC (1992), emissora portuguesa.

Em 1995 mais uma etapa criada pela TV Globo foi concluída com o intuito em aperfeiçoar as produções de teledramaturgia: a criação e inauguração dos Estúdios Globo, um complexo de estúdios e produção – o maior da América Latina – onde até hoje são gravadas as telenovelas, séries e minisséries da emissora. A expansão da teledramaturgia das Organizações Globo, iniciada na década de 80, foi um mercado sempre verificado para emissora. A troca de tecnologia via satélite, por meio da parceria com o grupo Time-Life, a criação do “Padrão Globo de Qualidade”, tendo seu produto principal de operação

– Telenovela – sólido e líder em audiência somente o fez querer alcançar o mercado internacional. Através das parcerias estratégicas com a Telemontecarlo e SIC aumentaram ainda mais a procura pela exportação de sua programação para posteriormente a estreia da Globo Internacional (1999). O primeiro canal brasileiro transmitido no exterior exibindo durante 24h, em português, toda a programação dos canais da Rede Globo e da Rede Globosat – pertence ao grupo Globo e maior programadora da América Latina.

Neste processo conseguimos concluir que a história das Organizações Globo é uma das mais importantes da indústria televisa brasileira. Por meio de inúmeras estratégias adotadas, foi possível construir uma longa carreira durante seus cinquenta e cinco anos de existência. Através da criação de sua grade de produção própria foi não somente responsável pelo entretenimento, como também encarregado por divulgar a realidade, nos mais variados assuntos, para o Brasil e para o mundo. Ao final, a conclusão extraída de todo o estudo feito é que através de seu carro-chefe – as novelas – não somente passam a transmitir as programações de cunho nacional ao exterior, mas também conhecimento da história e da cultura brasileira para os estrangeiros.

Capítulo 2 – Cores e Sabores: A importância da mão de obra escrava na formação do Brasil colonial

Com a seguinte frase de Sérgio Buarque de Holanda (1995, p.14), “Então, registrar o passado não é falar de si, é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesse e de visão do mundo, no momento particular do tempo que deseja evocar.” Ao longo de três séculos de ações colonizadoras de países europeus, esta que seria responsável por integrar mais um novo continente a órbita e, paralelamente de formas diferentes, a África e na Ásia, a Europa estenderia sua atitude dominante e colonizadora por toda a parte. A partir da expansão marítima de países da Europa, parte que interessa a nós – os colonizados – por empresas comerciais levadas a efeito pelos navegadores de países da Europa que seriam responsáveis pelo desenvolvimento do comércio continental europeu, que até o século XIV era feito via terrestre e limitado e também, por via marítima, por meio de uma navegação costeira e de cabotagem (PRADO JR, 2013).

O Pioneirismo caberá aos portugueses devido a vantagem em ter a melhor posição geográfica, ao extremo da península ibérica, que avança pelo mar. Para fugir de rotas que tivessem concorrentes antigos e que já tivessem instalados no local e, portanto, avançariam sua expansão marítima para a Costa Ocidental da África – ao caminho descobriram novos territórios como, por exemplo, Cabo Verde, Madeira e Açores – e seguiriam até o sul do continente africano. Com a pretensão de atingir a tão cobiçada Índias das poderosas especiarias a partir do prolongamento da navegação pelo contorno no continente africano, colocaria Portugal em contato direto para o comércio das opulentas especiarias e, entretanto, deixando-os com uma riqueza imensurável (PRADO JR, 2013).

Para Buarque de Holanda (1995), os portugueses foram os precursores na colonização de exploração e, futuramente, abrindo caminhos as demais nacionalidades:

Pioneiros da conquista do trópico para a civilização, tiveram os portugueses, nessa proeza, sua maior missão histórica. E sem embargo de tudo quanto se possa alegar contra sua obra, forçoso é reconhecer que foram não somente os portadores efetivos como os portadores naturais dessa missão. Nenhum outro povo do Velho Mundo achou-se tão bem armado para se aventurar à exploração regular e intensa das terras próximas à linha equinocial (1995, p. 76).

A partir de noções já abordadas acima, em consequência a chegada dos portugueses e espanhóis a tão descoberta da América, os caminhos para a expansão de novas rotas comerciais ficaram abertas também para franceses, ingleses e holandeses, ou seja, estava iniciada a época dos descobrimentos marítimos, onde nenhum país queria ficar estagnado a rotas comuns e mal posicionadas geograficamente.

Através de noções aprofundadas por Sérgio Buarque de Holanda (1995), a abundância de terras férteis e ainda mal desbravadas fez com que a grande propriedade rural se tornasse, aqui, a verdadeira unidade de produção. Para Caio Prado Jr (2013), essa foi a grande alavanca para que a colonização dos trópicos avançasse e, consequentemente, fosse responsável pela formação da sociedade atual baseada em ações e valores utilizados na época do Brasil colônia. E desenvolvendo ainda mais seu pensamento, a definição da colonização tropical, é uma consequência do Brasil atual; sendo evidenciado por componentes de caráter econômico e social, sendo assim Prado Jr (2013, p. 47), “explicará os elementos fundamentais, tanto no econômico como no social, da formação e evolução históricas dos trópicos americanos”.

À primeira vista aos portugueses e, logo em seguida, aos espanhóis a preferência no modelo de regime à exploração latifundiária e monocultora adotada, que futuramente, seria à escolha de outros povos. Segundo Freyre (2013, p. 700), “a colonização do Brasil se processou aristocraticamente – mais do que a de qualquer outra parte da América,” ou seja, aristocrático, patriarcal e escravocrata. Completando com Sérgio Buarque de Holanda (1995) sobre a boa impressão do novo território tropical:

E a boa qualidade das terras do Nordeste brasileiro para a lavoura altamente lucrativa da cana-de-açúcar fez com que essas terras se tornassem o cenário onde, por muito tempo, se elaboraria em seus traços mais nítidos o tipo de organização agrária mais tarde característico das colônias europeias situadas na zona tórrida. Cumpria apenas resolver o problema do trabalho. E verificou-se, frustradas as primeiras tentativas de emprego do braço indígena, que o recurso mais fácil estaria na introdução de escravos africanos (1995, p. 87-88).

Segundo Prado Jr (2013, p. 29), a ideia de povoar não ocorre ao início, a única motivação com o novo território descoberto era o comércio e, na opinião e interesse dos novos navegadores, somente existia “desprezo por este território primitivo e vazio que é a América”. Para finalmente ter a emigração para o novo continente e “ocupar com povoamento efetivo, isso só surgiu como contingência, necessidade imposta por circunstâncias novas e imprevistas” e, portanto, por razões de lutas político-religiosas foi

o que aconteceu para a população ter um motivo para fugir das agitações da Europa e conseguir um abrigo com a intenção de refazer a vida. Ao desenvolver com maiores detalhes o processo de povoação dos trópicos, Prado Jr (2013, p. 37) afirma que, “seja por motivos religiosos ou meramente econômicos (esses impulsos aliás se entrelaçam e sobrepõem), a sua subsistência se tornara lá impossível ou muito difícil”.

As colônias tropicais funcionariam de forma exploratória, tendo como base à exploração latifundiária baseada no regime da monocultura usufruindo da mão de obra escrava, primeira da indígena pois já se encontrava antes do descobrimento, e após para o uso da mão de obra africana. Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1995), a presença do negro retratou um fator obrigatório no desenvolvimento no período colonial. Não é possível desconsiderar os benefícios dos indígenas, os mesmos foram primorosos na contribuição na indústria extrativa, de caça pesca e em determinados ofícios mecânicos e na criação de gado, contudo eles eram inacessíveis a noções de ordens e apresentam resistência quanto as suas tarefas e, para este (1995, p. 88-89) “o resultado eram incompreensões recíprocas que, de parte dos indígenas, assumiam quase sempre a forma de uma resistência obstinada, ainda quando silenciosa e passiva, às imposições da raça dominante”.

A incorporação do indígena na colonização foi um caso à parte, pois eles foram participantes da colonização. As vantagens da mão de obra dos índios sejam para o tráfico mercantil, para a utilização de produtos nativos e como aliado, as missões religiosas feitas pelos Jesuítas, a que se referiu Prado Jr (2013, p. 191), “se destacam nitidamente nesta questão, as missões religiosas não intervêm como simples instrumentos da colonização, procurando abrir e preparar caminho para esta no seio da população indígena.” A propagação da fé, da política colonial, dos bons costumes e valores e da metrópole. O que a colonização lusitana pretendia era utilizar de todos os elementos para conseguir ocupar – por completo – o imenso território para incorporá-los como elementos ativos e integrados na ordem colonial e, por conseguinte, não poderiam desperdiçá-los (PRADO JR, 2013).

Conforme noções de Sérgio Buarque de Holanda (1995), devido a falta de estrutura social e de hierarquia organizada resultou em episódios singulares da história das nações hispânicas, incluindo-se nelas Portugal e o Brasil. A partir de tal, começam os grandes conflitos e choques, e o primeiro deles é a escravidão dos índios. A contar com a discrepância de diretrizes e interesses distintos vindos por parte da metrópole e da Companhia de Jesus, a ordem dos Jesuítas. De acordo com Prado Jr (2003, p. 195), a

primeira visava apenas “à escravidão sumária e exploração brutal do índio pelo colono” – o que resultou em boa parte da destruição da população indígena – e, enquanto ao mesmo tempo, os Jesuítas pretendiam educá-los e prepará-los para uma vida civilizada, ao invés de fazê-los “instrumentos de trabalho nas mãos ávidas e brutais dos colonos, de que já resultara o extermínio de boa parte da população indígena do país” (Prado Jr, 2013, p. 197).

Devido a ampla questão da mão de obra escrava indígena a “solução do problema índio, preparando, dentro das possibilidades existentes, que dados os caracteres étnicos e psicológicos do índio, eram evidentemente limitadas, a absorção da massa indígena pela colonização” (Prado Jr, 1995, p. 199). A versatilidade ao “extremo, eram-lhes inacessíveis certas noções de ordem, constância e exatidão, que no europeu formam como uma segunda natureza e parecem requisitos fundamentais da existência social e civil. O resultado eram incompreensões recíprocas que, de parte dos indígenas, assumiam quase sempre a forma de uma resistência obstinada, ainda quando silenciosa e passiva, às imposições da raça dominante”. O que tornou inviável a continuação com a escravidão dos índios e para isso, os colonos teriam que encontrar uma nova alternativa de mão de obra para prosseguirem com o trabalho nos latifúndios (BUARQUE DE HOLANDA, 1995).

A participação do negro é um caso à parte. De acordo com Prado Jr (2013), em princípios do século XIX com um número expressivo de cinco a seis milhões de negros importados – o que constituía um terço da população – e, além de não esquecer de mencionar, que comparando com os índios, foi a que teve mais resistência ao trabalho braçal e “uniformizado pela escravidão sem restrições que desde o início de sua afluência lhe foi imposta”. Outra questão de extrema importância e que será a base da evolução étnica brasileira, poderá ser vista a partir da mestiçagem oriunda dos cruzamentos entre brancos, negros – a sua maior parte- e índios. “A mestiçagem, signo sob o qual se formou a etnia brasileira, resulta da excecional capacidade do português em se cruzar com outras raças” (Prado Jr, 2013, p. 227).

Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1995), a utilização de mão de obra escrava negra não foi nenhuma novidade, pois nas descobertas ultramarinas — antes de 1500 — os negros eram trazidos para o reino a fim de “estender a porção do solo cultivado, desbravar matos, dessanhar pântanos e transformar charnecas em lavouras” (1995, p. 100). É incontestável a primazia da mão de obra negra no trabalho braçal – tanto que foi repetido no Brasil, porém a importância do mesmo está como fator crucial para a

formação da sociedade brasileira, a nível de etnia responsável por permitir traços que sejam observáveis até os dias atuais. Seguindo com noções abordadas por Prado Jr (2013, p. 207), “A mestiçagem, que é o signo sob o qual se forma a nação brasileira” pertence a grande capacidade dos portugueses de cruzarem com mulheres de raças e, portanto, “mesclando-se sem limite, numa orgia de sexualismo desenfreado que faria da população brasileira um dos mais variegados conjuntos étnicos que a humanidade jamais conheceu” (Prado Jr, 2013, p. 226-227).

Ao início de toda colonização europeia a falta de mulheres brancas sempre foi um grande problema em territórios ultramarinos para os colonos, contudo há quem defenda que “independente da falta ou escassez de mulher branca o português sempre pendeu para o contato voluptuoso com mulher exótica. Para o cruzamento e miscigenação.” (Freyre, 2003, p. 698). No Brasil, a inexistência de mulheres brancas foi um fator que impulsionou ainda mais a procura por mulheres de outras raças, de posição social inferior e submissa e, portanto, incitou a busca para a satisfação de suas próprias vontades e prazeres sexuais.

Para Prado Jr (2013, p. 230) “A mestiçagem brasileira é antes de tudo uma resultante do problema sexual da raça dominante, e por centro o colono branco”, ou seja, a mistura de raças no Brasil começou por única e exclusivamente por homens brancos que, muitas vezes, se aproveitam de sua posição social superior para usufruir dos benefícios que possuíam para saciar seu próprio prazer sexual. Apenas desenvolvendo noções que foram abordadas por diversos autores Freyre (2013, p. 184) confirma o resultado da colonização no Brasil, “formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio e mais tarde de negro – na composição.”

No entanto, a consequência dessa relação inter-racial foi que a maioria dos brasileiros agora é uma mistura de três raças – europeia, indígena e africana – e a caráter racial também varia de uma região para outra (BANDYOPADHYAY e NASCIMENTO, 2015). Para Prado Jr (2013, p. 226), “o caráter mais saliente da formação étnica do Brasil: a mestiçagem profunda das três raças que entram na sua composição”. Conforme dito por Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 119), “uma suavidade dengosa e açucarada invade, desde cedo, todas as esferas da vida colonial. Nos próprios domínios da arte e da literatura ela encontra meios de exprimir-se, principalmente a partir do Setecentos e do rococó. O gosto do exótico, da sensualidade brejeira, do chichisbeísmo, dos caprichos

sentimentais,” e, portanto, a figura do negro e do índio acabam por enraizarem cada vez mais e, logo, permitindo a formação e evolução étnica e da cultura brasileira.

A futura estrutura da sociedade brasileira colonial foi baseada em uma organização produtora e exploratória – onde seria responsável por fornecer açúcar, tabaco, algodão e café – somente ao mercado europeu. Ao longo de três séculos, a classe branca europeia será a dominante e, portanto, para a execução do regime de produção latifundiário será necessário recrutar mão de obra escrava indígena e, futuramente, a negra importada. A princípio o começo da vida nos trópicos seria completamente ignorado por seus colonos, apenas visando os interesses comerciais que englobam os mercados da Europa e, sem qualquer pretensão, a história seria encaminhada para a formação de uma sociedade brasileira. O sentido da evolução brasileira poderá ser descrito por Freyre (2013, p. 203) como a constituição nos trópicos de “sociedade com características nacionais e qualidades de permanência” e, portanto, um novo capítulo começa a partir de uma comunidade de exploração, latifundiária e escravocrata; onde a mão de obra escrava é imprescindível para composição de valores e posições sociais presentes até hoje na sociedade brasileira.

2.1 O papel do escravo negro para a família e a sociedade brasileira

Todo brasileiro possui algum traço, mesmo que seja remoto, da influência do negro e do índio em sua composição mais íntima, esteja ela em seu físico ou presente em forma de valor cultural. Como afirma Freyre (2013, p. 428), “o ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual.” A miscigenação entre brancos, índios e negros aconteceu por diversas formas. Para Freyre (2013, p. 933), o Brasil seria um país de misturas e sabores, onde não poderia contestar que “todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo (...) a sombra, ou pelo menos, a pinta, do indígena ou do negro. A obra *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, por palavras de Alfonso (2006), colaborou decisivamente para o surgimento de uma imagem hegemônica do país, traçado pelo “encontro de três raças”, com cada uma contribuindo com “a sua cultura” que será incumbido pela originalidade da nação brasileira.

Desde o descobrimento até a fase do desembarque, os lusitanos que estiveram em solos tropicais, à primeira vista, encontraram algo “místico” e sensual que pairava sobre o território encontrado; elemento este que foi a consequência da miscigenação no Brasil. Com o trecho retirado do livro *Casa grande & senzala*, Freyre (2013, p. 428) consegue

exatamente descrever como a história da sociedade brasileira começou, “a luxúria dos indivíduos, soltos sem família, no meio da indiada nua, vinha servir a poderosas razões de Estado no sentido de rápido povoamento mestiço da nova terra.” A partir de um regime baseado na monocultura e escravidão – cujas características seriam de extrema importância para a formação da unidade nacional – o causador da consolidação de um Brasil mestiço, onde cada etnia teria contribuído com traços e símbolos para a formação do “povo brasileiro.”

Como desenvolve Parker (2009) sobre o processo de colonização do Brasil, centralizando na sensualidade que predominava em solos tropicais:

(...) foi uma visão centrada na questão da vida sexual, sensualidade e erotismo, não menos do que óbvio potencial de exploração econômica e de colonização. Ao longo dos séculos XVI e XVII, os mitos sobre o Brasil e a sensualidade de seu povo continuaram a florescer em toda a Europa (2009, p. 16).

Não é possível descartar o valor que a sensualidade das negras com seu corpo curvilíneo incomum causou nos brancos. Por noções estudadas por Sérgio Buarque Holanda (1995), a preferência pelo exótico pela sensualidade brejeira, do chichisbeísmo, dos caprichos sentimentais permitiu que a vida sexual do patriarcalismo fosse responsável pela formação do “nosso” modo de ser mais íntimo. O apetite sexual dos europeus é aprofundado pelo fetichismo, pelas danças afrodisíacas, pelas orgias, pela depravação sexual que pertence ao regime imposto pela colonização, o que é resultado do erotismo patriarcal presente no engenho do Brasil – chamegos com negras e mulatas (FREYRE, 2013).

A começar na primeira impressão ao desembarque: os indígenas. Os portugueses encontraram diversas índias nuas, o que para eles foi muito difícil não se entregar a devassidão. O mesmo impacto ocorreu, por parte dos nativos, no momento que tiveram contato com pessoas e objetos distintos – e interessantes – vindo da Europa com seus futuros colonos. As nativas utilizam seu corpo, oferecendo-se, como moeda de troca para obter qualquer objeto que fosse, “davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho” (Freyre, 2013, p. 428). O caso dos negros será a parte e de extrema importância para a formação da sociedade brasileira. Os colonos vindos da metrópole – e seus descendentes – puderam sentir e usufruir de “uma suavidade dengosa e açucarada invade, desde cedo, todas as esferas da vida colonial” (Buarque de Holanda, 1995, p. 101). Os colonos ricos tinham escravos de ambos os sexos – tanto o negro para trabalhar na

agricultura como as negras para tarefas domésticas, tendo sua preferência por “bonitas de cara e de corpo” e “com todos os dentes da frente.” A toda contribuição que envolve os negros, na sua importância fundamental da influência africana – na cultura, na culinária, na música – e no caráter para a construção do brasileiro.

Segundo as condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo criadas pela colonização portuguesa – colonização, a princípio, de homens quase sem mulher – associado ao sistema escravocrata de organização agrária do Brasil. Com a antiga divisão da sociedade feudal, onde os senhores todo poderosos possuíam escravos – cuja posição passiva perante os colonos – são as principais causas onde podemos encontrar o abuso de negros por brancos. Inúmeras foram as formas sadistas de amor que tanto se tonaram evidentes durante o período colonial e, de forma geral atribuídas à luxúria africana” (FREYRE, 2012).

Como define Alfonso (2006), foi no período colonial, portanto, que surgiram as bases da “cultura brasileira”:

(...) por sua vez definida pela fácil adaptação dos portugueses aos trópicos, através de uma estrutura familiar pautada pelo poder do pai de família, pela atração do homem português pela mulher morena (negra, índia, mulata ou cabocla) e por uma grande licenciosidade sexual (no que se refere aos desejos e comportamentos do varão português e seus descendentes (2006, p. 11).

Para Freyre (2013), a perversão sexual pertence a mesma essência do regime da escravidão. Por inúmeros fatores de próprio interesse econômico favorecem ainda mais a prática da luxúria por parte de seus colonos – com seus desejos descomedidos em possuir do maior número de crias – “aumentarem o número de crias como quem promove o acréscimo de um rebanho” (2013, p. 1007) e, portanto, estariam visando assim o aumento de seus escravos “mulatinhos” para futuramente trabalharem na lavoura. “Nada nos autoriza a concluir ter sido o negro quem trouxe para o Brasil a pegajenta luxúria em que nos sentimos todos prender, mal atingida a adolescência.

A declaração de Freyre (2013) sobre o sistema vigente no passado era capaz de transmitir aos senhores de engenho sobre as carícias e os chamegos para com suas escravas:

A precoce voluptuosidade, a fome de mulher que aos treze ou quatorze anos faz de todo brasileiro um Don Juan não vem do contágio ou do sangue da “raça inferior,” mas do sistema econômico e social da nossa formação; e um pouco, talvez, do clima; do ar mole, grosso, morno, que cedo nos parece predispor aos

chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente. Impossível negar-se a ação do clima sobre a moral sexual das sociedades (2013, p. 1016).

A grande verdade foi o sistema que tornou os colonos – sadistas, elementos ativos para a corrupção da vida familiar, com os adultérios da família patriarcal com escravos negros – e alterando o curso da vida de negros, moleques e mulatas. Não há escravidão sem opressão e violência e, muitas vezes, isso foi levado para a vida sexual no Brasil colonial. Com noções aludidas por Freyre (2013), confirma a concentração de poder no sistema, sendo a parte mais forte – aos senhores – e, conseqüentemente, a mais fraca – aos escravos.

Nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações do sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Expressou-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos. Dele se deriva toda a exagerada tendência para o sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa-grande, principalmente em engenho (FREYRE, 2013, p. 1164).

A figura da mulher africana no Brasil foi introduzida na América tropical, mais do que as mulheres portuguesas ou índias – para libidinagem, pura descarga de sentidos. Segundo Freyre (2013, p. 1302), as relações entre colonos e mulheres africanas eram na base “dos instintos, sangue, na carne, maior violência sexual que as portuguesas ou as índias e, portanto, mais uma vez confirmando a preferência massiva nas mulheres negras para descarga de seus instintos e hormônios sexuais, cabendo a elas o papel principal de senhoras de seus desejos. Ao final, uma grande contradição dentro da estrutura social brasileira.

A utilização da mão de obra escrava durante o período colonial teve inúmeras funções, tanto dentro da casa-grande como fora, no latifúndio. O caráter e responsabilidade no tratamento da vida íntima e pessoal do patriarcalismo é incontestável, pois foi a partir dela que nasceu e consolidou o Brasil “mestiço”. Ao ponto de vista da casa-grande, a responsabilidade que a figura da mulher negra da senzala assumiu foram para além de suas tarefas “braçais”, para também as depravações sexuais que existiram durante o período. Podemos dizer que na grande maioria das vezes não foi consensual; não houve desejo e, sim, uma ordem para tal. A mesma não era só usada como objeto sexual pelo patrão, mas também para satisfação precoce dos prazeres dos filhos da família patriarcal; “o que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com a sua docilidade

de escrava; abrindo as pernas ao primeiro desejo do sinhomoço. Desejo, não: ordem (Freyre, 2013, p. 1150-1151).

Entretanto suas funções iam para além do tratamento da vida sexual do patrão e, como exemplo, assumiam funções que a família patriarcal necessitava. Existiu: a figura da ama de leite, a mucama, a cozinheira, do velho negro contador de histórias. O seu compromisso é para com a família da casa-grande. Os trechos escritos por Freyre (2013) nos mostram das mais diversas versões que a escrava negra manifestou:

A figura boa da ama negra que, nos tempos patriarcais, criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, o primeiro "padre-nosso", a primeira "ave-maria" a", o primeiro "vote!" ou "oxente", que lhe dava na boca o primeiro pirão com carne e molho de ferrugem", ela própria amolegando a comida - outros vultos de negros se sucediam na vida do brasileiro de outrora. O vulto do moleque companheiro de brinquedo. O do negro velho, contador de histórias. O da mucama. O da cozinheira (2013, p. 1050-1051).

Para tais cargos que fossem exigidos dentro da casa-grande, para o serviço doméstico mais fino, existiam alguns requisitos e qualidades físicas e morais que precisavam atender, não à toa e desleixadamente. Para a tal “promoção” das tarefas dos escravos que iriam sair da senzala à casa-grande era necessária uma boa aparência – ser bonito, ser forte e saudável. Era de extrema importância tais requisitos, pois a senhora não iria permitir que seus filhos tivessem proximidade com indivíduos que eles pré julgavam de “inferiores”. Os caminhos entre brancos e negros estavam cada vez mais ligados para que fosse possível contribuir ainda mais para a formação da originalidade da nação, uma mistura de raças; valores e cultura.

A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes para substituir-lhe a própria mãe - é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzala (FREYRE, 2013, p. 1008).

Por Alfonso (2006), figura do mestiço, da mulata que tanto é mencionado, de acordo com o autor de casa-grande & senzala, iria enraizar traços particulares do nascimento de uma nação, onde no futuro teria representações importantes nos mais diversos âmbitos do país. O tratamento da vida sexual do patriarcado ressaltado e descrito detalhadamente por Freyre, seria utilizado como base no futuro para reforçar a imagem daquela mulata do período colonial, assim evidenciando o mesmo significado que ela teve

no passado; trazendo de volta conceitos – como a escravidão e os abusos sexuais sofridos pelos escravos – para satisfação de interesses econômicos, políticos e sexuais do patriarcalismo. A partir do exposto, a imagem da mulata brasileira, não só exibida por Freyre, mas também por outras entidades, seria integrada ao material publicitário turístico nacional e, muitas vezes, o enfoque principal estava direcionado a figura negra – como é a questão da personagem Globeleza. O que para o país trouxe graves consequências, pois hoje, o país, é considerado um dos grandes destinos sexuais do mundo (ALFONSO, 2006).

2.2 A miscigenação como representação unificada de uma nação

O erotismo e a sensualização não foram as únicas consequências do regime adotado pela nação descoberta pelos portugueses. Conforme eludido ao longo da dissertação, a construção do país se sucedeu com a presença de três etnias – branco, negro e índio – e mediante a tal houve uma fusão de culturas, onde cada uma pode contribuir, umas mais e outras menos, para a formação de um país a base da mestiçagem de cor e de valores culturais. Segundo Alfonso (2006), para a formação de um Brasil mestiço, a caracterização de símbolos – a colaboração cultural de cada raça – será capaz de representar os atributos culturais de forma unificada de uma nação. Estes atributos serão refletidos em qualidades de forma que a população será capaz de identificar e retratar os mesmos de forma igualitária, fazendo com que todos tenham o mesmo sentimento de pertencimento da mesma nação. Ela ainda exemplifica uma peculiaridade que o Brasil é bastante conhecido, o samba como elemento de legitimidade nacional (2006, p. 21), “um exemplo deste processo é a transformação do samba, música de origem negra, em símbolo da nacionalidade.”

A obra freyriana ajudou – e muito – a maneira que o Brasil seria retratado no exterior e, segundo Alfonso, “por uma série de razões iria causar um profundo impacto”. A partir dele seria construído uma nova imagem do país, onde o mesmo seria conhecido pela originalidade do país, e não uma cópia de seu país dominante, onde iria expressar dependência e dominância. Freyre (2013, apud FREYRE e ALFONSO, 2006, p. 19) o descreve como “um país só, em vez de dois: uma nacionalidade e não uma colônia; uma terra de brancos confraternizados com negros e índios, e não uma minoria de louros explorando e dominando um proletariado de gente de cor”. A ideia de singularidade de uma nação descrita pelo autor iria permitir que o turismo – utilizasse como base o livro Casa-Grande & Senzala – a explorasse em suas campanhas publicitárias, toda a

exuberância fogosa das mulheres como forma de atração de turistas e também para “desmistificação” do período de opressão no país – iniciado na década de 70 pela ditadura – onde começaram as primeiras ações promocionais destinadas a promoção do país (ALFONSO, 2006).

As circunstâncias então mencionadas por Freyre revelam a exaltação da figura da mulher mulata como símbolo da miscigenação no país:

Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as "virgens pálidas" e as "louras donzelas" (2013, p. 199).

E também a preferência dos homens pelas mesmas, principalmente dos estrangeiros, “mulatinha do Recife, esta é um encanto; e seu quindim tem admiradores ilustres, tanto entre recifenses antigos como entre forasteiros. Um deles morreu há pouco na França, enjoado até o fim da vida da brancura das elegantes parisienses; e sempre saudosos das negrinhas que conheceu nas praias de Pernambuco” (2013, apud FREYRE e AFONSO, 2006).

A figura da mulher brasileira será muito vinculada ao carnaval, como também já vimos anteriormente no início da promoção do país – e igualmente abordado por Freyre em seu livro *Casa-Grande & Senzala*. Este é tão relevante elemento de estudo para a formação do Brasil que em 1962 virou samba enredo da Escola de Samba da Mangueira. A importância da composição histórica do Brasil que reflete em todos nós, e segundo Parker (2009), afirma que a construção do povo brasileiro foi em decorrência da miscigenação, a relação sexual entre colonos e escravos é uma metáfora literal para a construção da nação, a suposta sensualidade “tropical” presente durante o carnaval é uma maneira singular de debater sobre a normalização e o descumprimento de desejos e práticas sexuais – ao longo do Brasil Colonial – que acontecem durante o período festivo.

Ainda mais além, Parker (2009), afirma que o trabalho com culturas sexuais o transformou em novos *insights* sobre a organização de identidades e comunidades sexuais, como de mesma forma uma grande conscientização em como as culturas sexuais são integradas e interligadas por sistemas de poder e dominação. A figura da mulata bastante abordada por Freyre, é uma característica típica do Brasil e, mundialmente conhecida, terá sua representatividade marcada – principalmente – durante o carnaval. A personagem *Globeleza* é um caso, pois a partir da ação promocional de carnaval da rede Globo, a mesma terá sua representatividade marcada através da vinheta programada para

o período que antecede até a finalização do período festivo. O poder e a dominação massiva da emissora Globo serão consideravelmente relevantes para que a imagem seja distribuída para todo o país.

O tipo de violência estrutural ao qual Parker (2009) tem buscado compreender e menciona em seu livro, é vinculado por sistemas políticos e econômicos historicamente constituídos – questões que estão relacionadas com trabalho, migração ou imigração, moradia, educação, bem-estar, desenvolvimento econômico entre outros – e capazes de promover e trazer questões a tona (escravidão) ou estimular mudanças (por meio da resistência), mas similarmente potencializar o silêncio, para até “camuflar” o passado dentro de uma personagem mulata como símbolo do carnaval de uma nação; ignorando todo o transcorrido durante a época colonial na América Tropical, tanto abordada por Freyre. Questões essas que influenciam as comunidades e culturas e, assim, alterando o modo que são vistas.

Capítulo 3 – A mulatice como símbolo nacional

Conforme já eludido no decorrer da dissertação, características situadas no contexto de uma ordem social extremamente patriarcal em que esteve presente durante a sociedade brasileira colonial, iniciaram os pontos de vista entre masculino e feminino; de masculinidade e feminilidade, e, portanto, ofereceram as bases sobre os quais agrupamentos dos significados sexuais foram concebidos no Brasil. Com tal intensidade para o entendimento do passado patriarcal, as diferenças anatômicas percebidas foram configuradas gradativamente em noções definidas de gênero no Brasil, como para toda a sociedade contemporânea. Essas formas simbólicas vigentes nos corpos humanos e em suas práticas constituem um sistema de valores culturais que permitem uma perspectiva de interpretação e avaliação de seu universo sexual, ou seja, são importantes para compreensão da constituição das realidades sexuais significativas na vida brasileira contemporânea (PARKER, 2009).

Para que seja possível a compreensão do papel da personagem mulata, primeiramente é necessário ter o conhecimento do significado da mesma. A partir de noções abordadas por Ribeiro (2018), o termo foi inserido a partir do período colonial para designar negros de pele mais clara, frutos de estupros e depravações sexuais dos colonos para com as suas escravas. A palavra mulata desde então se naturalizou na sociedade brasileira – principalmente comum no vocabulário de apresentadores, jornalistas e repórteres – e no exterior, porém a palavra contém um sentido pejorativo, de cunho racista e machista, onde o seu conceito, por palavras de Ribeiro (2018, p. 199) consiste, “a palavra de origem espanhola vem de “mula” ou “mulo”: aquilo que é híbrido, originário do cruzamento entre espécies. Mulas são animais nascidos da reprodução dos jumentos com éguas ou dos cavalos com jumentas”. A definição da palavra é depreciativa, indicando o resultado de uma mestiçagem, impureza, mistura imprópria que não deveria existir.

A estereotipagem do corpo negro vem desde o período colonial, as mulheres negras sempre foram vistas e retratadas como fogosas, sensuais e sedutoras, tendo o seu corpo como “objetificação” do desejo por parte dos senhores de engenho; a “mulata imitada como figura não apenas para ser pintada, mas sentida como criatura não para ser esposável mas para ser comida (preenche) o lugar recorrente do desejo imaginário escravocrata “(1985 apud SANTANNA e GILLIAN e GILLIAN, 1995, p. 529). Segundo Gillian e Gillian (1995), o mito da mulata é igualmente estabelecido por sempre tentarem

os homens puros sob condições normais e, entretanto, quando os dois se misturam as estruturas de poder e da história de uma nação são alteradas por completo. O uso da imagem da mulata para o marketing ininterrupto do Brasil – principal protagonista do carnaval brasileiro – como figura central e, conseqüentemente, introduz maneiras por despedaçar a imagem do país, ou seja, o país possui símbolo cujo significado é depreciativo a nação; é representado por uma mulata no sentido colonial.

Segundo Anatólio (2018), o significado da mulata está na mistura entre relações do branco com negro, onde resultou uma mulher com traços de ambos:

É nesse contexto que a mulata está inserida, ela seria o resultado da relação entre o colonizador (branco) e o colonizado (negro); uma categoria “sem raça” uma mulher que não foi “castigada” pela cor preta da negra africana, mas também não foi “privilegiada” pela pele alva europeia. Mulata é a negra de pele menos escura, que geralmente é chamada de “marrom-bombom”, “morena-cor-de-jambo”, “café-com-leite”, “morena-mel”, entre outros termos populares que lhe adjetivam pejorativamente. Mulata é a mulher que tem traços mais finos, cabelo não tao crespo, podendo ter também a vantagem de ter os olhos acastanhados, chamado popularmente de “verde folha-seca”, e um corpo “dócil”, apto para oferecer prazer sexual aos homens; enfim, é aquela cujo corpo abrange fisicamente características estéticas que são aprovadas na ótica do colonizador e definidas como sensuais (2018, p. 106).

Para Parker (2009), a imagem da mulata emerge como um símbolo mais concreto do caráter do brasileiro e, portanto, está presente nos valores e pensamentos do Brasil. A sexualidade que tanto é mencionada sobre a representatividade da mulata sempre foi reduzida em dois pontos: a de “mãe preta” ou da “mulata sensual”. A primeira vinculada aos trabalhos servis – de cozinheira, mucama, ama de leite entre outros – e de submissão enquanto ao segundo de corporificação do desejo e da pulsão sexual. O que limita a posição das mulheres negras dentro da sociedade, sendo permitido apenas funções de trabalho braçal ou de cunho erótico. Ao longo desta representação unificada em forma de símbolo nacional, o carnaval – outra marca do país – se apropriou da figura da mulata e a transformou, de forma estratégica, em promoção nacional para reforçar a identidade local múltipla – mais uma vez se vislumbra a “adoração” à mestiçagem com a propagação da lenda da mulata, a nível nacional e internacional (DANDOLINI e RUIZ, 2020).

A partir da personagem criada pela Rede Globo, um conglomerado de comunicação com presença massiva no país e no exterior, pode-se afirmar que qualquer que seja a representação transmitida pela mesma terá grande impacto em seus telespectadores. A criação da Globeleza pelo diretor de arte Hans Donner da emissora é

o resultado do mito da mulata. O mesmo significado da época colonial: inferioridade, submissão e exploração sexual em torno de uma etnia que foi tanto marginalizada no passado. A mulata incorpora preconceitos e estereótipos anteriores a sua criação, no entanto não é possível negar o poder e a relevância da propagação da sua imagem no Brasil e no exterior. A partir de sua titulação como marca registrada do carnaval, a imagem da negritude e do país acabou por se expandir hegemônica (DANDOLINI e RUIZ, 2020).

Para Ribeiro (2018), o propósito da criação da personagem Globeleza – associado igualmente a sua finalidade – muito se assemelha a das escravas negras no Brasil colonial.

A mulher negra exposta como Globeleza segue, inclusive, um padrão de seleção estética próxima ao feito pelos senhores de engenho ao escolher as mulheres escravizadas que queriam perto de si. As consideradas “bonitas” eram escolhidas para trabalhar na casa-grande. Da mesma forma, eram selecionadas as futuras vítimas de assédio, intimidação e estupro. Mulheres negras eram submetidas ao jugo “dos donos”. Era comum que as escravas de pele mais clara, com traços mais próximos do que a branquitude propaga como belo, assumissem os postos na casa-grande. Seus corpos não eram vistos como propriedade delas, prestavam apenas para ser explorados em trabalhos servis exaustivos, além de serem depósitos de abuso sexual, humilhação, vexação e violência emocional constantes (RIBEIRO 2018, p. 199).

E, mais uma vez, a personagem Globeleza ressalta ainda mais o mito da mulata e fortifica o seu papel no decorrer da história brasileira. O enquadramento histórico e social da negritude continua igualmente ao seu passado. Entretanto, segundo Ribeiro (2018, p. 202-203), o grande questionamento está na posição subalterna em que o negro é sempre inserido, apenas com a única finalidade de “servir” o branco.

É necessário entender o porquê de se criticar lugares como o da Globeleza. Não é pela nudez em si, tampouco por quem desempenha esse papel. É por conta do confinamento das mulheres negras a lugares específicos. Não temos problema algum com a sensualidade, o problema é somente nos confinar a esse lugar, negando nossa humanidade, multiplicidade e complexidade. Quando reduzimos seres humanos a determinados papéis, retiramos sua humanidade e os transformamos em objetos (RIBEIRO, 2018, P. 202).

Segundo Gillian e Gillian (1995), a definição sexualizada da mulata, na colonização do Brasil, era uma posição constrangida pela colocação em que o homem/senhor a delimitava, o momento era escolhido por ele quando seria senhora ao invés de escrava. Agora a personagem Globeleza é uma consequência do capitalismo contemporâneo, apoiando-se em características presentes na sociedade escravocrata para

promover crescimento do marketing internacional do Brasil. Apropriando da fama de país festivo para continuar com a mesma imposição de lugar aos negros: entretenimento sexual de seu público durante o carnaval. Por palavras de Ribeiro (2018, p. 198), “a mulata Globeleza não é um evento cultural natural, mas uma performance que invade o imaginário e as televisões brasileiras” e, portanto, só confirma a relevância e representatividade que a mesma possui como símbolo nacional.

A desconstrução da imagem da mulher negra, ao que se refere a posição inferior e limitada da personagem Globeleza, tem grande contribuição da Rede Globo. Sabemos que os agentes comunicadores possuem responsabilidades com teor para as funções sociais básicas como: a reprodução cultural de determinado local; a socialização e integração social dos indivíduos e, portanto, o conteúdo divulgado pela mesma terá grande repercussão em seus telespectadores. Como já analisado, a Globeleza apoia-se em características da sociedade escravocrata, logo o papel dela executado pela televisão não será somente o de narrativa real, contudo o de construção do real, do que é aceito – na verdade o que continua a ser aceito – e senso comum do telespectador. Para isso Santos (2018), conclui “cumprindo essas funções e agendamentos sociais a mesma perpetua formas de construção de pensamento e ação, quadros simbólicos ampliados e aceitos socialmente graças aos processos de imitações e repetições de estereótipos.” O que podemos constatar que a partir da repetição da imagem da personagem – anualmente durante o período carnavalesco – continua a perpetuar a figura da mulher negra igualmente a época escravocrata, uma visão mantida em perspectiva de subordinação, neste caso em específico em caráter sexual.

3.1 As mulatas Globelezas

Desde a década de 90 do século XX que a televisão brasileira compartilha a imagem da mulata Globeleza a partir de vinhetas durante as programações da emissora Globo no decorrer do carnaval. A performance da personagem é constituída por mulheres negras que recebem o título de “Mulata Globeleza” cuja atribuição necessária é saber sambar, ter uma boa aparência de rosto e corpo e, requisito muito importante, ter uma cor de pele mais clara. Para Anatólio (2018, p. 111), “a performance que é feita pelas chamadas “Mulatas Globeleza” ganha visibilidade, fama e sucesso à medida que se inserem nos padrões da branquitude, tal qual o próprio carnaval brasileiro, que também se tornou branco, mesmo sendo constituído a partir dos batuques do samba negro.” Ainda

com Anatólio (2018), se refere a prática da personagem como uma amostra feita por uma mulher negra que “embranquece” e fortalece a hipersexualização do corpo feminino negro e, portanto, um dos requisitos ser à escolha de mulheres de pele mais clara, ou seja, as mulatas.

A personagem Globeleza surgiu oficialmente em 1993 para anunciar que a maior época festiva do Brasil estava prestes a começar: O Carnaval. A festa mais famosa do país e conhecida por todos no exterior é um dos principais atrativos turísticos do Brasil. Segundo Damatta (1986, p. 47) "todos os sistemas constroem suas festas de muitos modos. No caso do Brasil, a maior e mais importante, mais livre e mais criativa, mais irreverente e mais popular de todas é, sem dúvida, o carnaval." Após a declaração acima, temos mais uma evidência sobre a principal festividade no país e, conseqüentemente, a relevância para a criação de uma figura feminina como símbolo nacional.

Um período composto por muita dança, folclore e a alegria presente dos foliões fantasiados pelas ruas; uma época em que a distinção de classe social é praticamente inexistente pois, apenas o excesso de felicidade é permitido e domina todo o país. A mistura de cores presentes nas fantasias dos foliões e das escolas de samba são protagonistas no carnaval. A nudez dos foliões é uma importante condição, pois a temporada carnavalesca apropria-se principalmente do corpo feminino, utilizando-o de forma erotizada e sensual como símbolo da festividade nacional.

Conforme Damatta (1986), expressa através de seu livro “O que faz o Brasil, Brasil?” o que o carnaval implica dentro de todas as esferas da sociedade:

Quero referir-me a todos os elementos de ordem, de economia e política que o carnaval certamente implica – como todo evento especial –, mas que ficam necessariamente excluídos de sua definição. De fato, conforme sabemos como brasileiros, o carnaval não pode ser sério. Senão não seria um carnaval... (1986, p. 47).

É neste cenário convidativo ao carnaval, que a figura da “Mulata Globeleza” surge. A partir de uma representação midiática, a personagem é exibida de forma sexual na televisão da sociedade brasileira, com o seu samba no pé e as suas pinturas em seu exuberante corpo nu, apenas disfarçando as partes íntimas com as purpurinas das mais variadas formas, em vinhetas nos intervalos da programação da emissora no período carnavalesco. As apresentações das imagens acontecem sem restrição de horário, o que permite um grande alcance em seus telespectadores. As exhibições acontecem repetidas vezes durante o dia, com a duração de um minuto e com uma música composta

especialmente a personagem – samba enredo – em que permite que a espetacularização da Globeleza seja ainda mais comercial.

Com música composta por Jorge Aragão – um dos maiores sambistas do Brasil – e Franco Lattani, em 1993, podemos constatar que o palco para o espetáculo da personagem Globeleza já estava montado (Anatólio, 2018, p. 115):

Lá vou eu, lá vou eu
Hoje a festa é na avenida
No carnaval da globo
Feliz eu tô de bem
Com a vida vem amor Vem...deixa o meu samba te levar Vem nessa pra gente brincar
Pra embalar a multidão
Sai pra lá solidão Vem Vem Vem Vem.....pra ser feliz
Eu tô no ar tô Globeleza
Eu tô que tô legal
Na tela da TV no meio desse povo A gente vai se ver na Globo
Na tela da TV no meio desse povo A gente vai se ver na Globo

A seguir, Jessyka Santos descreve a performance da personagem e como a mesma garantiu o seu espaço e relevância durante a grade de programação da emissora responsável por sua criação:

Nua, com o corpo parcialmente coberto apenas por purpurina, sem nenhuma fala ou conexão com espectador além da sua imagem e entrando em chamadas de todos os horários, para os mais diversos públicos, a Globeleza consagra um espaço para a mulher negra na mídia (SANTOS, 2018).

Segundo já abordado acima por Anatólio (2018), a mesma confirma, mais uma vez, a hipersexualização e embranquecimento da personagem:

O corpo da Mulata Globeleza aproxima-se bastante a um ideal de beleza muito mais branco que negro, por regra, para participar desse concurso, as mulheres devem ser sempre magras, altas, de busto pequeno, tendo coxas, quadris e nádegas sob medida, ou seja, ainda que essa performance esteja embasada no samba, que é um elemento da cultura afro-brasileira, e ainda que seja feita por um corpo negro feminino, busca-se transfigurar esse corpo ao mais próximo de um corpo branco. Além disso, o corpo negro da Mulata Globeleza é visto nacional e internacionalmente como um corpo sensualizado, contribuindo para um estereótipo que reforça a imagem da mulher negra estritamente ao sexo (2018, p. 113).

Segundo Monique (2016), a personagem Globeleza é um produto da Rede Globo, um mito que não tem origem na cultura popular. Ao contrário, ela é fruto da imaginação do design alemão Hans Donner – que possui a mentalidade do europeu colonizador – e

idealizou a mulata como um símbolo do carnaval. A partir da sua criação por um estrangeiro, mesmo que seja naturalizado brasileiro, exporta o conceito e explora o imaginário masculino tanto no Brasil como para o mundo. “A imagem construída por Hans Donner está bem enraizada na história do Brasil colonial” e, portanto, persiste na prática adotada durante o Brasil colonial, onde as mulheres negras eram separadas de suas famílias e levadas para trabalhar durante o dia na casa-grande e, à noite, a sequência de estupros e obrigações sexuais para com os senhores de engenho.

A “Mulata Globeleza” é a representação de um produto da mídia – da Rede Globo – que é responsável por carregar em uma personagem estereótipos do passado até os dias atuais. O que esperar de uma mulher negra que somente surge no carnaval, que está completamente nua e para além de sambar, não possui mais nenhuma interação com o público além de seu sorriso e dança sensual? Percebe-se, após assistir as vinhetas e analisar as imagens, que não se trata da mulher negra em si que carrega o título de “Mulata Globeleza”, mas sim do seu corpo e dança sensual a que remete ao passado do Brasil colonial. A limitação do corpo feminino negro servindo de entretenimento aos telespectadores e, que na verdade, ainda insiste nos mesmos elementos que estiveram presentes na sociedade escravocrata brasileira.

Para Monique (2016), descreve o efeito que a “Mulata Globeleza” causa aos telespectadores após assistirem à espetacularização da personagem:

A mulata reboiativa global que te convida pra sambar, que posteriormente viraria hit e mexeria com o imaginário de milhões de brasileiros, foi criada por Hans Donner, um designer alemão, que, coincidentemente, é casado com Valéria Valenssa, a primeira Globeleza interpretada por mais de uma década (MONIQUE, 2016).

Em plena eloquência do carnaval percebemos que a mídia brasileira, neste caso a sua emissora criadora, apresenta uma personagem que remete as mulheres negras na mesma posição, de submissão e de “objetificação” corporal” ao período colonial. O carnaval é escolhido por ser o ápice de uma festa onde as pessoas se sentem mais à vontade para se fantasiarem ou terem uma nova versão de si sem que haja o julgamento alheio. É um período festivo e de imensa alegria onde os indivíduos se permitem a tudo e a grande aposta da Rede Globo foi apropriar-se de uma figura feminina negra que sempre sofreu com a falta de liberdade, neste caso, diretamente ao seu próprio corpo.

Conforme Damatta (1986), esclarece a razão das inversões de lugares, principalmente no carnaval, onde percebemos que no caso da personagem Globeleza a ordem social – dos dias atuais – permanece igualmente ao do período escravocrata:

Carnaval, pois, é inversão porque é competição numa sociedade marcada pela hierarquia. É movimento numa sociedade que tem horror à mobilidade, sobretudo à mobilidade que permite trocar efetivamente de posição social. É exibição numa ordem social marcada pelo falso recato de “quem conhece o seu lugar” – algo sempre usado para o mais forte controlar o mais fraco em todas as situações. É feminino num universo social e cosmológico marcado pelos homens, que controlam tudo o que é externo e jurídico, como os negócios, a religião oficial e a política. Por tudo isso, o carnaval é a possibilidade utópica de mudar de lugar, de trocar de posição na estrutura social. De realmente inverter o mundo em direção à alegria, à abundância, à liberdade e, sobretudo, à igualdade de todos perante a sociedade (1986, p. 53).

Ano após ano, uma Globeleza tão hipersexualizada quanto a outra resultou no surgimento de movimentos feministas que desejavam o fim da personagem e, para isso, Stephanie Ribeiro e Djamila Ribeiro se pronunciaram contra a figura carnavalesca, conforme depoimento abaixo.

A verdade nua e crua é que a Globeleza, atualmente, só reforça um lugar fatalista, engessado, preestabelecido para a mulher negra numa sociedade brasileira racista e machista e esse lugar fixo precisa ser rompido, começando com o fim desse símbolo/personagem. Não aceitamos ter nossa identidade e humanidade negadas por quem ainda acredita que nosso único lugar é aquele ligado ao entretenimento via exploração do nosso corpo. (...) Não queremos protagonizar o imaginário do gringo que vem em busca de turismo sexual. Basta! (2017 RIBEIRO, RIBEIRO apud ZHTV, 2017).

Abaixo podemos observar o conjunto de Globelezas, traduzidas por imagens, através de mulheres negras que caracterizaram a personagem:



Figura 8 - Valéria Valenssa

A pioneira e a mais famosa de todas as “Globeleza”, caracterizada por Valéria Valenssa, e, portanto, ocupou o título de “Mulata Globeleza” por doze anos. Foi casada com o seu próprio criador, Hans Donner, cujo cargo na Rede Globo era de diretor de arte. O mesmo não somente foi responsável pela criação da icônica personagem como também de aberturas e vinhetas carnavalescas.

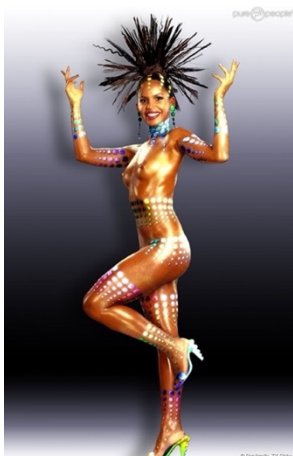


Figura 9 - Gianne Carvalho



Figura 10 - Aline Prado



Figura 11 - Nayara Justino



Figura 12 - Erika Moura

Seguindo a ordem das Globelezas, começamos com a Valéria Valenssa que esteve vigente por doze anos; Gianne Carvalho que esteve no título por um ano; Aline Prado que esteve presente até 2013; Nayara Justino responsável por 2014 e, por último, Erika Justino – será abordada em próximo capítulo – que está no cargo de “Mulata Globeleza” desde 2015 até os dias atuais. Em todas as imagens percebe-se que a concepção da ideia foi

relacionada com os mesmos princípios da sociedade escravocrata: a mulher negra em serviço do entretenimento e prazer do público.

Ao longo da sua criação até os dias de hoje, manutenção da representatividade da mulher negra como símbolo da Globeleza é assumir o mesmo posicionamento repleto de estereótipos de cunho sexual e ultrapassado, a herança negra, que ainda perdura no Brasil. O maior patrocinador é a mídia que exporta e estimula o corpo da mulata no imaginário de indivíduos estrangeiros e acaba por influenciar a visão do mundo sobre o Brasil, um país que é conhecido mundialmente por suas paisagens naturais e as mulheres brasileiras.

Conforme Anatólio (2018) elucida sobre a estética embranquecida da Globeleza que carrega elementos históricos que estão evidenciados na performance da personagem analisada pelas imagens acima:

A Globeleza é um corpo transfigurado na estética e valores brancos hegemônicos, é a simbologia de um país “que tá no ar” e “tá globeleza”, ou seja, está tudo muito bom e legal. Já Vem pra Ser Infeliz...! é a resignificação do corpo negro feminino, um corpo reconfigurado que, embora carregue as cicatrizes da colonização, não é docilizado nem é mercadoria, é um corpo performático que nos leva a pensar sobre a destituição de sua dignidade e condição humana (2018, p. 124).

Como podemos perceber a Globeleza que mais difere das restantes é a Nayara Justino, devido ao tom de sua pele ser mais escura comparado as demais – ao que aproxima mais aos traços negros. Ela foi eleita por um júri popular e recebeu diversas críticas negativas e discriminação nas redes sociais por ter traços mais negroides, o que a levou somente a ocupar o posto por um ano. A emissora nunca declarou abertamente o motivo da suspensão, em próximo ano, de Nayara como Globeleza, porém fica evidente que mesmo sendo magra aos padrões estéticos eurocêtricos, a mesma tinha lábios grossos, cabelo crespo, nariz grande e largo e já a tornava muito distante do perfil europeu de beleza (ANATÓLIO, 2018).

Abaixo está um trecho retirado de entrevista feita a Nayara após o afastamento da televisão devido aos ataques racistas sofridos pelo seu tom de pele:

Começaram as críticas e os ataques preconceituosos, o bullying e eu fui tomando um certo medo (...) Macaca, Zé pequeno, fundo de panela, enfim... Não estavam esperando que uma pessoa bem negra como eu ocupasse um cargo tão expressivo. Não tive nenhuma mídia, nenhum jornal querendo tratar desse assunto. Antes da vinheta ir ao ar eu tinha muitos convites e logo depois que a vinheta foi ao ar sumiram todos e isso foi durando um bom tempo. Tive um princípio de depressão, eu não queria sair nem falar com as pessoas. Até hoje eu choro e dói demais. Antes do carnaval eu pensei: “ganhei o concurso, vou realizar meu sonho de ir ao

sambódromo” e isso não aconteceu. Eu ganhei o concurso, poxa. Eu nunca tinha ido ao sambódromo e não poder ir me deixou muito triste (2016 apud JUSTINO e ANATÓLIO, 2018, p. 114).

Os agentes de comunicação têm a função não somente de contar a realidade, mas também de construir o real, ou seja, construir a identidade seja de uma pessoa ou de uma nação. Neste caso a Rede Globo colaborou para a formação da identificação do Brasil com a personagem “Mulata Globeleza”, a sua composição é amparada por questões de controle político – a branquitude de padrão eurocêntrico – e de processos de poder, que neste caso particular corresponde a Globo, que determinaram o afastamento da participante Nayara Justino por conter traços mais semelhantes ao dos negros. Enquanto as outras participantes tinham traços mais próximos a estética europeia e, portanto, obtinham maior sucesso.

Neste contexto sejam das mulheres negras ou das mulatas, as duas sofrem discriminação por tentarem a aceitação da personagem Globeleza. Tanto as negras como as mulatas sofrem violências que estão em forma subjetiva ao papel da figura da “Mulata Globeleza”, são agressões que se conservam desde a escravidão e passam despercebidas com a execução da personagem. A partir de feições mais delicadas da mulata comparado ao das negras, podemos observar que as mesmas são frutos da miscigenação que começou no período colonial, através das intimidações e depravações sexuais dos senhores de engenho para com seus escravos.

Outro parâmetro a ser analisado é como é feita a escolha das Globelezas. Todas elas foram selecionadas pelo mesmo método do passado: pela sua beleza e proximidade com o perfil europeu de estética. No passado as mais belas eram preferidas para trabalhar na casa-grande e sofrer os abusos e estupros do patrão. E as Globelezas foram escolhidas igualmente por sua beleza, mas também para persistir na mesma limitação de lugar do passado, ou seja, servirem apenas para entretenimento dos telespectadores. A personagem reafirma o papel da mulher negra, mesmo que seja para ser “objetificada” sexualmente, e por fim sua notável função é para ser exportada como modelo de mulata e estar presente no imaginário do público masculino com o único intuito em satisfazer seus desejos sexuais como no passado.

3.2 Perspectivas da nova Globeleza e seus reflexos na sociedade

Foi no ano de 2017 que algo aconteceu em relação a representatividade da Globeleza. Neste ano a emissora responsável por sua criação, a Rede Globo, apostou na

diversidade cultural do país ao invés de um simples corpo nu sambando em rede nacional como símbolo do carnaval. A representatividade da personagem tornou-se mais discreta, onde o grande trunfo foi a utilização de elementos regionais brasileiros como tradução da festividade assinalada; elementos compostos por roupas típicas do frevo e do maracatu – são características do folclore brasileiro que envolvem a dança e a música – presentes durante a festividade. A “Mulata Globeleza” que foi eleita como “musa do carnaval do Brasil” surge diferente aos anos anteriores, dessa vez aparece vestida e com diversos personagens caracterizados com componentes associados a cultura brasileira.

Como a análise das imagens abaixo, a proposta da personagem é oposta ao seu passado. A Globeleza não possui o foco em seu corpo sensual nu coberto de pinturas e purpurinas para indicar que o carnaval está a se aproximar, conseguimos analisar muitos “ingredientes” adicionados a maior festa nacional. A ideia é que a representação da festividade não esteja somente centrada na “Mulata Globeleza”, mas sim nas mais diversas formas de explorar o carnaval no Brasil. Para tal, não é necessário chamar a atenção para uma mulata bela e com corpo escultural e, sim, para o conjunto de indivíduos que estão com elementos associados a época carnavalesca.



Figura 13 - Erika Moura

Em entrevista concedida a um portal de notícias, a professora Rosane Borges de estudos latino americanos sobre cultura e comunicação da Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutoranda em ciências da comunicação, afirma que a mudança de representação da personagem é positiva e vai ao encontro a divulgação de elementos folclóricos do país. E, mais uma vez, confirma que a mudança de estratégia, por parte da Rede Globo, foi fundamental para que as visões do passado escravocrata brasileiro sejam dissociadas do corpo da figura feminina negra.

Quando você insiste numa imagem objetificada, nela não há diversidade. Por que colocar só uma mulher negra sambando? A gente tem uma diversidade enorme de mulheres que são destaques no Carnaval e no samba. Tirar a mulher negra desse lugar de objetificação é um passo importante. Não há mudança na política real, se não há mudança nos mecanismos de imagens que reforçam isso (HUFFPOST BRASIL, 2017).

A forma que a emissora escolheu para promover tanto a sua personagem icônica e ao carnaval é perfeitamente nítido, desde a escolha das cores, dos adereços e da vestimenta mostram e representam a cara do Brasil, sem precisar apropriar do corpo da mulher negra de forma sensual para promover qualquer época festiva. Com presença marcante de roupa por parte da personagem, o veículo comunicador decidiu não só divulgar o samba, principal ritmo musical no carnaval, como também elementos musicais que expressam a cultura carnavalesca em outras partes do Brasil. Seja através do frevo, do axé ou do bumba meu boi, ritmos musicais característicos das regiões Norte e Nordeste do país, foram representados por dançarinos que contribuem para a nova visão da “Globeleza”.



Figura 14 - Erika Moura



Figura 15 - Diversidade cultural do país

A partir da retrospectiva de todas as Globelezas até a nova versão, observamos uma grande evolução na representatividade de cada uma dela. A comunicação tem uma função significativa na construção e no crescimento de narrativas já existentes, como podemos constatar por meio de comparação com a primeira – Valéria Valenssa – até a vigente no momento – Erika Moura. As duas são mulatas e carregam estereótipos que existem desde a época colonial, porém em 2017 a emissora Globo decidiu não mais “objetificar” o corpo negro para entretenimento de seu público. O mecanismo utilizado é uma iniciativa do agente comunicador propenso a eliminar conceitos já estabelecidos, como por exemplo a hipersexualização da mulher negra e a sua posição dentro de uma sociedade, de maneira a corrigir e oferecer um novo significado a personagem.



Figura 15 - As Cinco Globelezas

A Globeleza não é o espelho da mulher negra, ela é o fruto do período escravocrata no Brasil e, portanto, não modificar sua estrutura é permanecer com os velhos valores na sociedade atual. A sua nova representação passará a agregar o conjunto do carnaval, com todas as diversidades culturais do país dentro de uma vinheta carnavalesca e, automaticamente, na personagem. A sua representação não será mais exportada como uma mulata sambando nua e de forma sensual, mas sim o elemento samba simbolizado por uma mulher praticando e compartilhando uma dança típica do carnaval.

Considerações Finais

A presente dissertação buscou evidenciar como a personagem Globeleza – da emissora Rede Globo – se tornou símbolo nacional no período do carnaval, a partir de características embutidas – de forma sutil – que remetem a antiga estrutura social brasileira. São traços explorados pelo veículo comunicador que ainda fomentam valores instaurados na época do Brasil colonial, cuja figura da mulher negra era marginalizada, limitada e “objetificada” por homens detentores de poder, não somente pela sua propriedade como também pela vida e corpos de seus escravos.

A satisfação sexual de seus feitores era tão importante quanto ao elevado nível de produção do seu engenho, a função da escrava para a casa-grande era da negra sexual, da negra cozinheira, da negra ama-de-leite de seus filhos, da negra contadora de histórias entre as demais funções; a sua seleção era baseada mediante a sua beleza, a qualidade dos dentes e com traços que mais se assemelham aos perfis europeus – de certa forma renegando o seu passado africano.

A começar pela apresentação panorâmica e detalhada da formação política, econômica e social brasileira que foi abordada ao longo do trabalho, constatamos que a raça negra sofreu abusos e preconceitos perante a branquitude e, portanto, através do primeiro exemplo vislumbrado para a exploração negra, isto é, da Vênus Hotentote – século XIX – afirmamos que a mulher negra sempre foi considerada uma anomalia para a sociedade com as características do seu corpo, com seus atributos exageradamente grandes, era apenas usada para questões de fantasia, fetichismo e exibição para a sociedade europeia.

Contextualizando com a colonização do Brasil, para os parâmetros coloniais permanecem os mesmos para com os negros, sempre requisitados para trabalhos nos engenhos ou para trabalhos servis na casa-grande; e para o Brasil contemporâneo tarefas que estruturalmente não foram direcionadas para a negritude ou papéis com teor erótico, principalmente destinado as mulheres. Um país construído por critérios que circulem dentro de uma sociedade cuja população é miscigenada e repleta de sensualidade a ser explorada, a imagem do carnaval – um dos principais eventos nacionais que este item é abusado – foi representado por uma mulata – ou melhor dizendo A Mulata Globeleza – que esbanja sensualidade ao sambar com seu corpo rico em melodia e todo curvilíneo

que, igualmente, carrega estereótipos desde séculos anteriores e, ainda mais, reforçado pela colonização escravocrata.

Ao remeter, novamente, ao trecho da música “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, é possível confirmar a veracidade da mensagem pois, é forçoso admitir que tal atrocidade tenha sido cogitada é permitida: negros foram transportados em navios negreiros da África para a América tropical – onde grande parte não chegou com vida ao continente – como se fossem mercadorias para serem escravizados e submetidos a condições desumanas de trabalho e sobrevivência nas senzalas. As suas vidas não as pertenciam mais, pois era o seu feitor que a decidia; excluindo-o de sua família e de suas origens. A partir do fragmento da canção, percebemos que os negros foram e continuam a ser marginalizados da maneira mais cruel e não valorizada – não me refiro somente a parte monetária – e, sendo assim, frutos de uma sociedade aristocrática, escravocrata e patriarcalista que não permite aos negros uma posição superior ao regime branco vigente na sociedade atual.

A representação que mencionamos no primeiro capítulo compete a “Mulata Globeleza” eternizada como símbolo nacional durante o carnaval. Uma mulata que surgiu a partir das relações sexuais, à força ou não, entre a mistura de raças que habitaram o país tropical, sendo ampliada por um agente de comunicação – um dos maiores conglomerados televisivos e imenso poder de influência no Brasil e no mundo – para criar, divulgar e ratificar o quanto as mulheres brasileiras são sensuais e presentes no imaginário do telespectador com suas vinhetas diárias entre as grades de programação da emissora.

A meu ver não é justo e muito menos correto explorar a imagem de uma mulher negra apenas no lugar em que ela sempre esteve: a de objeto sexual. A imagem da negritude sempre esteve estigmatizada e restringida a determinadas posições que foram delimitadas no passado. Para além do exposto, o corpo da figura feminina foi apropriado para a expansão e fortalecimento do turismo nacional, baseado em conteúdos promocionais passados – especificamente no período da ditadura militar – foram utilizados, de forma massiva, como retrato e cartão de visitas do país para o exterior. As mulheres e seus corpos curvilíneos em catálogos turísticos foram elementos fundamentais para que o país entrasse na rota de principais destinos sexuais do mundo.

Por certo, esta pesquisa com demasiada complexidade não será finalizada por aqui, já que existe um longo percurso a seguir para a inclusão e valorização da representatividade negra na sociedade brasileira. Contextualizando para com o meu

objeto de estudo, a emissora com intuito e redefinição da emblemática personagem alterou-a profundamente, com a integração de elementos pertencentes a cultura do país e, para tal, foi uma grande aposta para se redimir após anos de exploração da mesma imagem erotizada, relacionando sutilmente características da mão de obra escrava com a Globeleza.

O carnaval é um dos setores mais importantes da economia do país, para além de ser uma esfera em que possibilitou uma maior visibilidade dos povos negros – através das manifestações culturais, inclusive o carnaval, vindo com os escravos – tendo o seu grau de importância para a construção da atual estrutura social, política e econômica do país. Contudo um estudo mais amplo iria colaborar para o entendimento de questões que impactam diretamente a imagem do país no exterior, isto é, como a imagem erotizada de uma mulher afeta ao imaginário seja de um turista ou de um telespectador, portanto a saber: o turismo sexual; como a personagem Globeleza e os materiais promocionais usados durante a ditadura militar no país contribuíram para o Brasil ser considerado um dos principais destinos sexuais do mundo; a inclusão de mulheres negras na representação do país, que esta não seja somente condicionada ao carnaval mas igualmente em diversos âmbitos da sociedade brasileira; a herança negra no Brasil, como a contribuição dos povos negros está integrado à estrutura social, política e econômica do país e presente na identidade do povo miscigenado; a imagem da mulher, esta que sempre esteve a margem e estigmatizada pelo uso excessivo do seu corpo em campanhas publicitárias.

Referências Bibliográficas

- ALFONSO, L. P. **Embratur: Formadora de Imagens da nação brasileira**. 2006. **Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)** - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.
- ALVES, M. C.; NASCIMENTO, A. F.; FREITAS, T. O. A função ideológica da Embratur e seu papel na construção de um mercado de bens e serviços simbólicos: a exploração da imagem da mulher brasileira nos anúncios turísticos institucionais. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p.63-78, dez. 2018.
- ANATOLIO, D. **Corpo Negro Feminino: Resignificação em performances de mulheres negras**. 2018. **Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas)** - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- ASSIS, M. R. **A herança portuguesa na formação do Brasil: Discutindo raízes do Brasil e seu legado nos livros didáticos**. 2019. **Dissertação (Mestrado em História Ibérica)** - Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais, 2019.
- BANDYOPADHYAY, R., & NASCIMENTO, K. (2010). **Where fantasy becomes reality: How tourism forces made Brazil a sexual playground**. *Journal of Sustainable Tourism*, 18 n.8, 933-949.
- BIGNAMI, R. **A imagem do Brasil no Turismo**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2005.
- BOLAÑO, C., & MELO, P. V. **Luz, Camera, concentração: 50 anos da Rede Globo e a hegemonia no mercado brasileiro de televisão**. XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DAS COMUNICAÇÃO. ANAIS...*Intercom - Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação*, Rio de Janeiro, 2015. DOI 10.15603/2175-7755. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-4005-1.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2020.
- BRAGA, A. **Dispositivos de uma beleza negra no Brasil**. (2011). Anais do SILEL. Volume 2. Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/628.pdf>. Acesso 23jun.2021
- CAPARELLI, S. **Televisão e o capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L & PM Editores Ltda, 1982.
- CASTELO, C. **Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre**. 2011. Blogue de História Lusófona, 261-280. Disponível em: <http://nyemba.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2017/03/lusotropicalismo-de-Gilberto-Freyre-HOJE.pdf>. Acesso em 25 jan. 2021.

- Carta Maior. c. 2013. **Julgamento da Revolução**. Carta Maior. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-editorial-de-Roberto-%2520Marinho-que-exaltou-a-Ditadura-Militar/4/27682>. Acesso em: 3 set, 2020.
- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Acervo CPDOC, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/rede-globo>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- CHAVES, M. N. **As lutas das mulheres negras: identidade e militância na construção do sujeito político**. 2008. **Dissertação (Mestrado em História)** - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- DAMASCENO, J. Corpo de quem? Espetáculo e ciência no século XIX. **Revista eletrônica de jornalismo científico**. Campinas, São Paulo, n 92, out. 2007. Disponível em: www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=338. Acesso em: 24 out. 2020.
- DAMATTA, R. A. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 1986, 126 p.
- DANDOLINI, A., & RUIZ, M. **Mídia e gênero: uma análise sobre o símbolo da Globeleza**. 2020. *Contribuciones a las ciencias sociales*. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/02/analise-simbolo-globeleza.html>. Acesso em: 23 set. 2020.
- EMBRATUR. **Embratur 40 anos - Uma trajetória do turismo no Brasil**. Brasília, 2006.
- FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. 48. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2003. 1629 p.
- GILLIAN, A., & GILLIAN, O. **Negociando a subjetividade da Mulata no Brasil**. *Revista Estudos Feministas*. v. 3, n.2. Rio de Janeiro: UFRJ, jul./dez. 1995.
- HALL, S. **Cultura e Representação**. Tradução: Daniel. M.; & William. O. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016. 260 p.
- HARVEY, D. **The condition of postmodernity: An enquiry into the origins of culture change**. Cambridge, MA: Oxord, UK: Blackwell, 1989, 368 p.
- HERZ, D. **A história secreta da Rede Globo**. Porto Alegre: Tchê Editora, 1987.
- HINGST, B. **Uma visão histórica da televisão no Brasil**. São Paulo: Líbero, ano 7, n. 13/14. 2004.
- MARINHO, R. **História Grupo Globo**. Plataforma O Globo. Disponível em: <https://robertomarinho.globo.com/hgg/>. Acesso em: 5 aug. 2020.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras: Schwarcz, 1995, 444 p.
- Huffpostbrasil. c2017. **Huffpostbrasil**. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2017/01/09/por-que-a-nova-globeleza-e-um-avanco-para-a-representatividade_n_14050948.html. Acesso em: 7 set, 2020.
- Isto é. c2017. **Isto é**. Disponível em: <https://istoe.com.br/globeleza-um-vestido-e-menos-rebolado/>. Acessado em 7 nov, 2020.

- JR, C. P. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras: Schwarcz Ltda, 2011, 957 p.
- KAJIHARA, K. **A imagem do Brasil no exterior: Análise do material de divulgação oficial da EMBRATUR, desde 1966 até 2008**. Observatório de Inovação do Turismo - Revista Acadêmica, São Paulo, 2010, v.5 n.3, 1-30. DOI /10.12660/. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/oit/article/view/5777>
- LEAL, P. **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil**. 2009. Encontro Anual de história da mídia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Um%20olhar%20historico%20na%20formacao%20e%20sedimentacao%20da%20TV%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em 14 set, 2020.
- MONIQUE, L. **Mulheres Negras: O que a mulata Globeleza tem a nos ensinar**. HuffPost Brasil, 2016. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/lorena-monique/mulheres-negras-o-que-a-mulata-globeleza-tem-a-nos-ensinar_b_9077696.html. Acesso 13 out, 2020.
- NADINE, H. **A década de 70 - apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- NUNES, B., RAMOS, V., & GUERRA, M. **A destituição simbólica da Globeleza: A mudança no símbolo do carnaval**. 2017. XI Encontro Nacional de História da Mídia. Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2017. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/11o-encontro-2017/gt-historia-das-midias-audiovisuais/a-destituicao-simbolica-da-globeleza-a-mudanca-no-simbolo-do-carnaval/view>. Acesso 6 dez, 2020.
- NYE JR, J. **Soft Power: The means to sucess in world politics**. New York: Public Affairs, 2004, 172 p.
- PACHLER, L. C. **Televisões regionais: O processo de comunicação entre a Rede Globo e as afiliadas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- PAGANOTTI, I. **Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais**. 2007. Revista Rumores, Universidade de São Paulo, v.1 n.1. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2007.51102>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51102>. Acesso 4 out, 2020.
- PARKER, R. G. **Bodies, Pleasures and Passions: Sexual culture in contemporary Brazil**. 2. ed. Nashville: Vanderbilt University Press, 2009, 231 p.
- PELLEGRINI, L. c2009. **Revista Planeta**. Disponível em: www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/442/artigo144012-1.htm. Acesso em 20 out, 2020.
- PINTO, D. **Corpo, discursos e carnaval: imagens do corpo feminino no desfile de escolas de samba do carnaval carioca**. 2013. Dissertação (Mestrado em estudos linguístico) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2013.

- Revista Planeta. c2009. Disponível em: <https://www.revistaplaneta.com.br/saartjie-venus-hotentote/>. Acesso 28 out, 2020.
- RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras: Schwarcz S.A, 2018. 211 p.
- SANT`ANNA, A. R. **O canibalismo amoroso**. São Paulo: Brasiliense S.A, 1993.
- SANTOS FILHO, J. **"Embratur, da euforia ao esquecimento: O retorno às raízes quando serviu a ditadura militar"**. *Revista Turismo*, 2004. Disponível em: <https://www.revistaturismo.com.br/artigos/embratur.html>. Acesso 15 aug, 2020.
- SANTOS, J. **O espetáculo da mulher negra nua na televisão: Um estudo de caso sobre a Globeliza**. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, v. 7 n. 1. 2018. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/articled/view/2931>. Acesso 17 dez, 2020.
- SINCLAIR, J., JACKA, E., & CUNNINGHAM, S. **New Patterns in Global television: Peripheral Vision**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- SPOLON, A., & ALLIS, T. **"Arquitetura, Turismo e Hospitalidade nos espaços urbanos: O Cristo Redentor e a representação da benção sobre a Cidade do Rio de Janeiro"**. *V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2008. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/154.pdf>. Acesso 14 set, 2020.
- TELES, L., & ADI, A. **Hipersexualização das mulheres negras: Aspectos sócio-históricos e a influencia da mídia**. (s.d), 1-29 p.
- URRY, J., & LARSEN, J. **The Tourist Gaze 3.0**. 2. ed. Nottingham Trent University: Sage Publications Ltd, 2011. 282 p.
- VALENTIM, A. **Internacionalização da Rede Globo: Estudo de caso da exportação de telenovelas**. 2007. **Trabalho de conclusão de curso** (Bacharel em Relações Internacionais) - Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas São Paulo, São Paulo, 2007.